



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
REITORIA
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

1. Identificação do autor

Nome completo: **CAROLINA WANAPERU WAI WAI**

CPF: 03498889222 RG: 6664957 Telefone: (93) 99179-5398

E-mail: carolinawaiwai@gmail.com

Seu e-mail pode ser disponibilizado na página de rosto?

(X) Sim () Não

2. Identificação da obra

() Monografia (x) TCC () Dissertação () Tese () Artigo científico () Outros: _____

Título da obra: **O CONHECIMENTO DAS MULHERES WAI WAI: ESTUDO SOBRE O ARTESANATO FEITO EM SEMENTE DE MOROTOTÓ**

Programa/Curso de pós-graduação: **PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

Data da conclusão: 16/06/2023.

Agência de fomento (quando houver):

Orientador: **DRA. CAMILA PEREIRA JÁCOME**

E-mail: camilajacome88@gmail.com

Co-orientador:

Examinadores: **DRA. ANNE RAPP PY-DANIEL**

DRA. MYRIAN SÁ LEITÃO BARBOZA

3. Informação de disponibilização do documento:

O documento está sujeito a patentes? () Sim (X) Não

Restrição para publicação: () Total () Parcial (X) Sem restrição

Justificativa de restrição total*: _____

4. Termo de autorização

Autorizo a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) a incluir o documento de minha autoria, acima identificado, em acesso aberto, no Portal da instituição, no Repositório Institucional da Ufopa, bem como em outros sistemas de disseminação da informação e do conhecimento, permitindo a utilização, direta ou indireta, e a sua reprodução integral ou parcial, desde que citado o autor original, nos termos do artigo 29 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, e da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação. Essa autorização é uma licença não exclusiva, concedida à Ufopa a título gratuito, por prazo indeterminado, válida para a obra em seu formato original.

Declaro possuir a titularidade dos direitos autorais sobre a obra e assumo total responsabilidade civil e penal quanto ao conteúdo, citações, referências e outros elementos que fazem parte da obra. Estou ciente de que todos os que de alguma forma colaboram com a elaboração das partes ou da obra como um todo tiveram seus nomes devidamente citados e/ou referenciados, e que não há nenhum impedimento, restrição ou limitação para a plena validade, vigência e eficácia da autorização concedida.

Santarém, 14/07/2023

Carolina Wanaperu waiwai

Assinatura do autor

5. Tramitação no curso

Secretaria / Coordenação de curso

Recebido em ____/____/____.

Responsável: _____

Siape/Carimbo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHERELADO EM ARQUEOLOGIA**

CAROLINA WANAPERU WAI WAI

**O CONHECIMENTO DAS MULHERES WAI WAI: ESTUDO SOBRE O
ARTESANATO FEITO EM SEMENTE DE MOROTOTÓ**



**SANTARÉM – PARÁ
2023**

CAROLINA WANAPERU WAI WAI

**CONHECIMENTO DAS MULHERES WAI WAI: ESTUDO SOBRE O
ARTESANATO FEITO EM SEMENTE DE MOROTOTÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS, Bacharelado em Arqueologia, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a. Camila Pereira Jácome

SANTARÉM – PARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

W138c Wai Wai, Carolina Wanaperu
O conhecimento das mulheres Wai Wai: estudo sobre o artesanato feito em semente de morototó / Carolina Wanaperu Wai Wai. - Santarém, 2023.
78 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Camila Pereira Jácome.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.

1. Artesanato. 2. Semente de morototó. 3. Povo Wai Wai. 4. Mulheres. I. Jácome, Camila Pereira, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 745.5

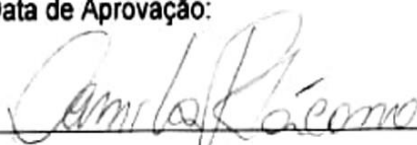
CAROLINA WANAPERU WAI WAI

**O CONHECIMENTO DAS MULHERES WAI WAI: ESTUDO SOBRE O
ARTESANATO FEITO EM SEMENTE DE MOROTOTÓ**

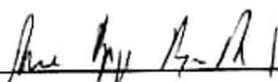
Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Arqueologia,
para obtenção de grau de Bacharel em
Arqueologia Universidade Federal do
Oeste do Pará, Instituto de Ciências da
Sociedade

Conceito: 10,0

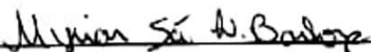
Data de Aprovação:



Profa. Dra. Camila Pereira Jácome- Orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Profa. Dra. Anne Rapp Py-Daniel - Avaliadora
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Profa. Dra. Myrian Sá Leitão Barboza – Avaliadora
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a DEUS por cada minuto que ele me ajudou, me deu fé para não desistir.

Segundo quero agradecer minha família, a minha mãe Nilza Macuruwi Wai Wai e meu pai Roberto Wanaperu Wai Wai e meus irmãos.

Quero agradecer meu marido Erquison Eymu Wai Wai, que sempre ajudou bastante para fazer algumas coisas, meu trabalho e pesquisa.

E também agradeço todas as minhas colegas na sala de aula pela amizade até final das disciplinas. Agradeço ao colega Heitor, monitor de Laboratório de Textos de Arqueologia, que me ajudou muito na organização do TCC.

Agradeço a minha professora orientadora, Camila Jácome, que durante esse tempo de orientação me acompanhou, dando todo o auxílio necessário para elaboração e correções do projeto.

Agradeço também à PROPPIT e à FAPESPA pela bolsa concedida, que foi fundamental para esse projeto. Assim como também agradeço a todos colegas do Projeto Tapota Wai Wai, com os quais compartilhei experiências no último ano e fui bolsista PEEX.

A todas as guerreiras Wai Wai que participaram da pesquisa, pela colaboração, disposição no processo de obtenção de dados desta pesquisa.

Obrigada a todos meus professores que levaram a chegar esse resultado durante quatros anos de graduação.

RESUMO

Este projeto tem por objetivo o estudo de adornos corporais em semente de morototó feitos pelas mulheres indígenas Wai Wai. Entende-se por adornos corporais uma série de objetos usados como pulseiras, colares, cintos, braçadeiras, bolsas, dentre outros. Atualmente, além da semente de morototó também são utilizadas as miçangas de plástico e vidro para a confecção dos adornos, mas o jeito tradicional de fazer, anterior aos contatos diretos e indiretos com europeus e norte-americanos, é com a semente. A metodologia usada foi a de entrevista com mulheres conhecedoras deste ofício, além participação na atividade e registro por imagens, uma abordagem já utilizada na produção de outros artefatos da cultura material Wai Wai. Para a realização desta pesquisa fomos a campo na aldeia Mapuera e entrevistamos quatro artesãs, de quatro povos: Mawayana, Katwena, Wai Wai e Xerew. O objetivo foi valorizar, descrever e refletir como essa diversidade de povos na aldeia Mapuera, influencia no conhecimento sobre os artesanatos. Também buscamos identificar quais os adornos corporais conhecidos, do passado (a partir da revisão bibliográfica e entrevista), e quais ainda são utilizados hoje pelas mulheres Wai Wai. A partir desse inventário, entender os processos de mudança que ocorreram na fabricação desses adereços e os motivos que levaram a isso. Acreditamos que a descrição histórica e atual desse artesanato é uma forma de preservar um conhecimento tradicional das mulheres Wai Wai e que o seu registro escrito, pode ajudar na perpetuação desse conhecimento para o meu próprio povo.

Palavras chaves: Artesanato, semente de morototó, Povo Wai Wai, mulheres.

EKATÎMTOPO

On projeto nas oni yipu yanme kehcamhokacho keporokuhtotopo karakru kahxapu ke, Woomam komo nkahri me nas Wai Wai yana komo nkahri me há, Nihtinoyaxe ceporenontotopo komo Eroke ero yipu niiraxe kahyaxe tporokru me só ha, oni yipu komo kahyaxe kemeknumci, kwari, katami, aporaka, ahce na yen, pakara Miya rma. Orotó marha tak karakru waray rma kahyatu hara tporokru me só kiricici, matahni way komo, patiri way komo marha. Tporokru me so, Tinkahri ro komo mak kahyatu tinihtinori komo yaw roro mak, pahxan pen komo nenpotho kahyatu, Europeu komo nenpotho marha kahyatu Americano komo nenpotho marha kahyatu yathiri way komo nexamro nenpotho, Nexamro marha tak ti enixe xatkene Woomam komo yay kahtopo komo ahce wa kahyatu kacho komo ti niiratkene enixe ti xatkene kahtopo yukuknonkacho me amne entome yiwyá so Wai Wai komo nkahri yenixe ti xatkene. On Poko Amna yehcamhokacho me Amna toy Mapuera Ewto pona, Amna marha komo , kahnero komo yakro nimapotawakne oni yipu yana komo yakro há Mawayana, katuwena, Waiwai, Xerew yana komo yakro amna nencekne Oni yipu kahxapu komo ehcamnopura ehtome, anari komo yehcamhokacho me marha hara Aldeia Mapuera pono komo há on waray min ham kporokru me ciisom kacho me anari komo ya hara pahxan pen komo yeporokuhtotopo nho yihtinotome marha Amna marha meneketikes Ahce way xá xakne ha pahxan pen komo porokru me há kacho komo poko, yupun komo mewru ahce way xakne ha kacho komo Ero yipu komo marha Amna nences yihtinone komo yay ha. Ahce way oroto niiratu Wai Wai wosin komo ha on wara nas oroto Anarimaw niiraxe mak kawsom mewru nakihcetikexe mak cenpore ehtome esenpotome mewru komo, Amna tko nihtinoyas ero wa ciixapu kahxapu komo há. Eroke on wara Mak amna nihtinoyas nehcamhoketiketu ham kahnero komo Eroke yaana me esenpotome nakihcetikexe mak cenpore ehtome niiratu Wai Wai wosin komo kes Amna ero yipu yenataw. Yinmewrethiri komo nas Iito mewrexapu anari komo yehcamhokacho me ehtome hara opoyino komo ha.

Tapota Ewkacho: Wai Wai komo, Kahri Karakru Kahxapu, Woomam.

ABSTRACT

This project aims to study body adornments in morototó seed made by Wai Wai indigenous women. Body adornments are understood as a series of objects used as bracelets, necklaces, belts, armbands, bags, among others. Currently, in addition to the morototó seed, plastic and glass beads are also used to make the ornaments, but the traditional way of making them, prior to direct and indirect contacts with Europeans and North Americans, is with the seed. The methodology used was that of interviewing women who knew this craft, in addition to participating in the activity and recording images, an approach already used in the production of other artifacts of Wai Wai material culture. To carry out this research, we went into the field in the Mapuera village and interviewed four artisans, from four Mawayana, Katwena, Wai Wai and Xerew peoples. The objective was to value and observe how this diversity of people in the Mapuera village influences knowledge about handicrafts. Wai. And from this inventory, understand the processes of change that occurred in the manufacture of these props and the reasons that led to this. We believe that the historical and current description of this handicraft is a way to preserve a traditional knowledge of Wai Wai women and that its written record can help in perpetuating this knowledge for my own people.

Keywords: Crafts, morototó seed, Wai Wai People, women.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Território Wayamu definido e descrito no Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) publicado em 2021.	14
Figura 2 – Mapa com a localização das Terras Indígenas Nhamundá-Mapuerae Trombetas-Mapuera.	16
Figura 3 – Vista aérea da aldeia Mapuera, notar a separação dos agrupamentos de casa separadas por roçados e capoeiras, mas conectadas por caminhos.	17
Figura 4 - Um homem Mawayana em Kanashén usando penas no nariz, e o <i>shakapá</i> , peito e costas e bandoleiras e enfeites de miçangas.	22
Figura 5 - A manufatura a tanga era tecida sobre uma armação, keweyuapón, o assento para o keweyú.	24
Figura 6 – Mulheres adultas e meninas espremendo mandioca, foto registrada por Jens Yde. Notar a mulher e a menina que estão próximas a porta da casa com tanga de miçanga, quanto a mulher no primeiro plano e a menina mais à direita já usando a saia de tecido, provavelmente fornecida pelos missionários.....	24
Figura 7 – Tangas antigas, do início do século XIX, guardadas no Museu Nacional de Copenhage, a peça de baixo, mistura miçangas de vidro e sementes.....	26
Figura 8 – Colares feitos de semente de morototó com grafismo da arara vermelha e do gavião.	27
Figura 9- Ilustração de roupas trançadas para danças em festas, na prancha é possível ver a pesquisa com as roupas antigas e atuais.....	28
Figura 10 – O desenho da tanga que veio da caixa trançada (pakara).....	30
Figura 11 – Desenho feito em pulseiras, colares e bolsas que são do olho do macaco.....	30
Figura 12 – Ilustração do livro de Jean de la Mousse, obra do século XVII, com a representação de tanga utilizada pelos Galibi do Guiana Frances.	31
Figura 13 – Colares padrão onça/tigre, a esquerda com jovens rappers colombianos e a direita com jovens Wayana.....	34
Figura 14 – Desenho do traje tradicional da mulher Kahyana, feita por Cecilia Oliveira, a partir de relato de Maria Vieira Kahyana.....	34

Figura 15 - As artesãs entrevistadas.	37
Figura 16 – Arvore do morototó, Schefflera morototoni.	39
Figura 17 – Imagens da árvore e semente de morototó e seu processo de pigmentação.	40
Figura 18 – Folhas, karayuru, usadas para o tingimento das sementes de morototó.	41
Figura 19 – Mapa dos espaços da aldeia Takara, notar o desenho do lugar de coleta do morototó, assinalado na seta vermelha.	41
Figura 20 – Fio de arame para armazenar as sementes de morototó furadas.	42
Figura 21 – Produção do fio de algodão para ser usado nas peças de artesanato de miçanga e semente.	43
Figura 22 – Colares circulares e com pingentes.....	45
Figura 23– Colares com emblemas de aves, mutum e arara.	45
Figura 24– Colares diversas formas, emblemas quadrangulares (indígena) e triangular, borboleta e tigre.....	46
Figura 25– Braceletes ou braçadeiras feitos com sementes de morototó e penas.	46
Figura 26 – Tanga, bolsa e chocalho.....	47
Figura 27 – Towxi Wai Wai produzindo sua tanga no rio Mapuera.....	53
Figura 28 – Mulher Wai Wai (não identificada na publicação) fazendo tanga com semente de lágrimas de nossa senhora, essa é uma técnica e forma de fazer que só as mulheres mais velhas usam.	54
Figura 29 – Processo de preparação, perfuração e armazenamento das sementes de lágrimas de nossa senhora que serão utilizadas pela artesã.....	55
Figura 30 - Instrumental utilizado para fiar o algodão, composto de várias partes.	56
Figura 31 – Teares com tangas sendo feitas em miçanga de vidro e semente de morototó.....	57
Figura 32 – Tear linear para produção de colares, cintos e pulseiras em miçangas de vidro e semente de morototó.	58

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1– Tabela com a identificação dos adornos do traje da mulher Kahyana a partir da classificação de Berta Ribeiro.	35
Tabela 2 – Resumo dos adereços tecidos com sementes na bibliografia consultada.....	35
Tabela 3 - Materiais utilizados e acessórios para produção de adereços em semente de morototó	44
Tabela 4 - Alguns padrões de desenhos usados no artesanato de morototó	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – REVISÃO HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA DO ARTESANATO FEITO PELAS MULHERES INDÍGENAS DA REGIÃO DO RIO TROMBETAS.....	20
CAPÍTULO 2 – O ARTESANATO FEITO PELAS MULHERES WAI WAI DA ALDEIA MAPUERA	36
2.1. Introdução.....	36
2.2. Resultados obtidos.....	37
2.2.1 Sobre processo de Aprendizagem:	38
2.2.2 Sobre materiais utilizados	38
2.2.3 Sobre a diversidade de adereços.....	44
2.2.4 Sobre os Desenhos aplicados	47
CAPÍTULO 3 – AS TANGAS FEMININAS FEITAS EM MOROTOTÓ	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXOS	64
ANEXO 1:	64
ANEXO 2 -	65
ANEXO 3 -	69
ANEXO 4:	73
ANEXO 5:	77

INTRODUÇÃO

Neste projeto iremos abordar sobre o artesanato feito da semente de morototó (*Schefflera morototoni*)¹ feito por mulheres Wai Wai da Aldeia Mapuera. O artesanato de morototó atualmente é muito importante para o povo Wai Wai, pois é a semente mais utilizada para a confecção de adornos corporais. Quando questionadas sobre a importância da semente para o artesanato, as mulheres Wai Wai consideram que as peças ficam muito bonitas, e ainda algumas acham que são mais bonitas do que artesanatos feitos em miçanga de vidro.

Bom eu também sei fazer artesanatos como pulseiras, colares e tiaras, e foi a minha própria mãe quem me ensinou. Geralmente faço para usar, dar de presente e vender, aqui em Santarém ou mando para outras cidades. E eu como artesã, também prefiro trabalhar com a semente de morototó.

Neste trabalho de conclusão de curso, tivemos como foco a produção atual de artesanatos confeccionados com a semente de morototó, afim de traçar uma comparação com a produção antiga do povo Wai Wai, a partir de fontes etnográficas, históricas e de narrativas das mulheres Wai Wai mais idosas que habitam essa aldeia. Essa aldeia está situada no Rio Mapuera que é afluente da margem direita do Rio Trombetas, no município de Oriximiná (PA), na Terra Indígena Nhamundá-Mapuera. Os Wai Wai do Rio Mapuera, vivem em duas terras indígenas demarcadas, Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera, que abrange três estados do Brasil: Roraima, Pará e Amazonas, conforme mostra o mapa (Figura 1).

Atualmente o amplo território formado por três Terras Indígenas: Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera e Kaxuyana-Tunayana, e por aldeias em território de ocupação tradicional ainda não reconhecido pelo Estado, no baixo curso do rio Jatapu tem sido chamado de Território Wayamu (Figura 1). Estas Terras Indígenas são contíguas, juntas umas das outras foram chamamos de Território Wayamu foi definido no Plano de Gestão Territorial e Ambiental (AIKATUK *et al*, p.19) realizado pelas associações indígenas AIKATUK, AMIRMO, APIM, APITMA, APIW, AYMARA, CGPH e pelo Instituto Iepé².

¹ Ver Macieira *et al*, 2014.

² Associação de Mulheres Indígenas da Região de Oriximiná (ARMINO), Associação dos Povos Indígenas do Mapuera (APIM), Associação dos Povos Indígenas do Trombetas e Mapuera (APITMA), Associação dos Povos Indígenas Wai Wai (APIW), Associação Indígena dos Povos Okoimoyana, Xowyana e Kararayana (AYMARA), Conselho Geral do Povo Hexkaryana (CGPH)

No Território Wayamu vivem:

Nós somos os Hexkaryana, Waiwai, Kahyana, Katxuyana, Katwena, Tunayana, Xerew, Parukwoto, Mawayana, Txikyana, Xowyana, Mínpoyana, Caruma, Karapawyana, Inkariyana, e temos muitos outros nomes pelos quais nos identificamos entre nós habitamos um grande território entre o norte do Pará, o norte do Amazonas e o leste de Roraima. Estamos espalhados pelos principais rios da região: Trombetas, Mapuera, Nhamundá, Jatapu, Jatapuzinho, Cachorro, Turuni. Esses são nomes que os brancos deram. Nós os chamamos também por outros nomes: Kahu, Kaapu, Ixamna, Kumuwo, Yemaná, Katxouru, Kacorí, Taraw.

Somos iguais e diferentes entre nós. A maioria de nós fala línguas e dialetos da família Karib, como o hexkaryana, xerew, waiwai, katwena, tunayana, katxuyana, kahyana, txikyana (ou cikiyana). Há também os falantes de mawayana, uma língua da família Arawak. Há muito (...). Há séculos, desde antes da criação das fronteiras nacionais, nós estamos espalhados até os lugares que são hoje a Guiana e o Suriname. Temos muitos parentes por lá, em aldeias no Sul desses países. Também temos parentes em Roraima na Terra Indígena Wai Wai, e no extremo norte do Pará, no Parque do Tumucumaque. Nunca deixamos de visitá-los, vamos e voltamos desses lugares a pé, de canoa e, quando possível, de avião. Levamos nossas coisas para trocar, trazemos coisas de lá, nos casamos com gente de lá, e eles se casam com os parentes daqui. (AIKATUK *et al*, 2021, p.26)

Figura 1 – Território Wayamu definido e descrito no Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) publicado em 2021.



Fonte: AIKATUK, AMIRMO, APIM, APITMA, APIW, AYMARA, CGPH, Iepé. (2021, p.7)

Atualmente existem 15 aldeias ao longo do rio Mapuera, distribuídas nas Terras Indígenas Trombetas-Mapuera, Nhamundá-Mapuera e Kaxuyana-Tunayana. O rio Mapuera é um dos principais tributários do rio Trombetas, “e tem sua foz próxima à comunidade quilombola de Cachoeira Porteira [...]. A montante de Cachoeira Porteira, o rio Mapuera é muito encachoeirado e a navegação se dá apenas por embarcações de pequeno porte” (AIKATUK *et al*, 2021, p. 81). A aldeia Mapuera é a mais antiga e a mais populosa, com cerca de 890 a 1061 pessoas, em 170 famílias, sendo que a população masculina adulta é de 459 pessoas e a feminina adulta é de 431 pessoas, já a faixa etária de jovens é de 200 pessoas (AIKATUK *et al*, 2021).

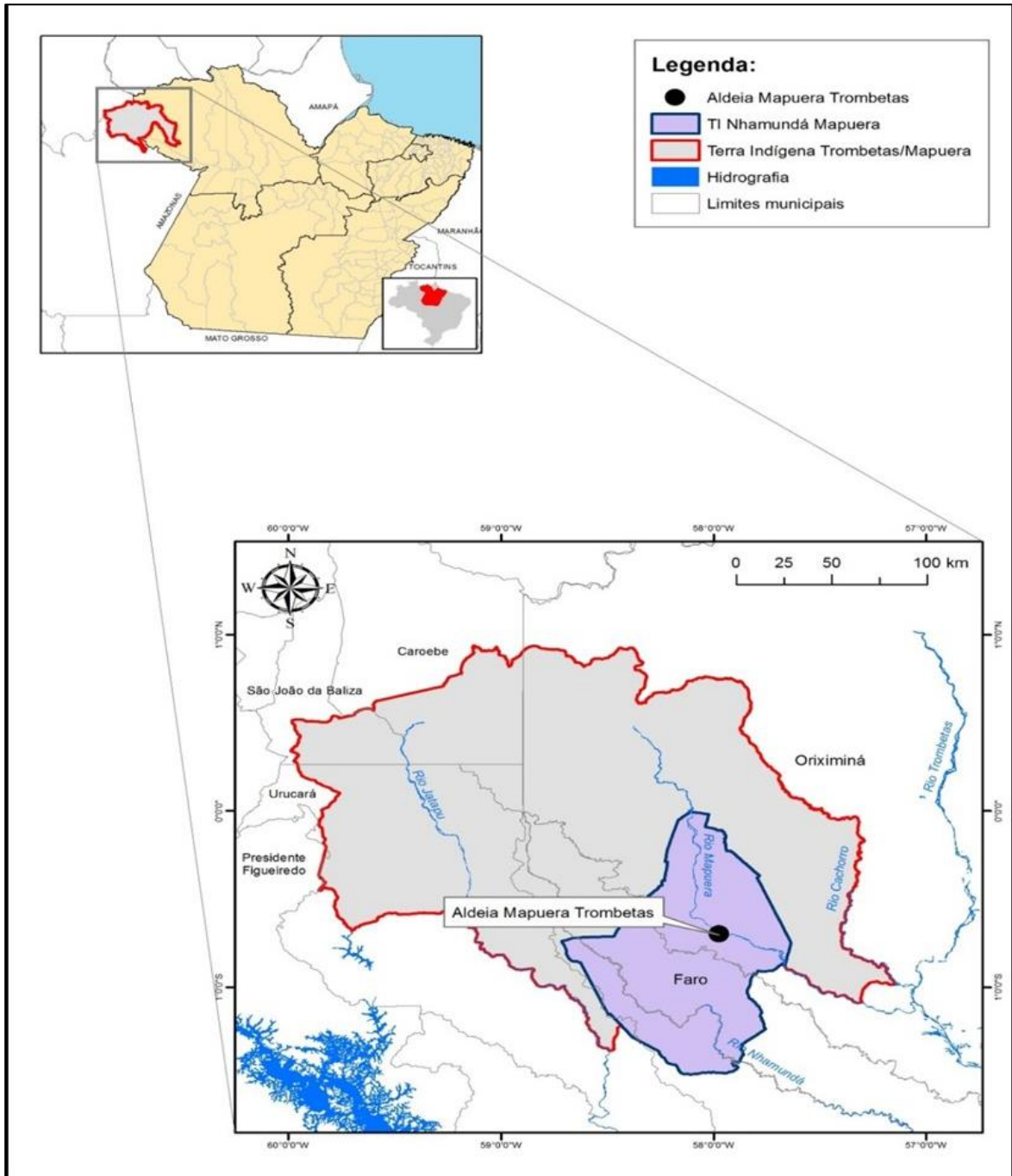
Entre as atividades econômicas que sustentam as famílias indígenas do rio Mapuera está a caça, pesca, roçados para consumo e venda de alguns itens, como farinha e banana (AIKATUK *et al*, 2021, p.85). Uma outra atividade econômica importante é a venda de artesanato, de acordo com o AIKATUK *et al* (2021, p.86), mas apesar disto, envolve muitas adversidades, como dificuldade de conseguir as matérias-primas, em regiões distantes das aldeias, onde é necessário ir em expedição, com gasto de gasolina, comida e tempo. A venda desses artesanatos não recebe o devido valor, em geral, os preços que são “atribuídos” por comerciantes de Oriximiná, mas sobretudo de Santarém, é baixo e não considera, o valor agregado do conhecimento, expertise e trabalho envolvido em todo o processo da produção do artesanato. Diante disso as mulheres Wai Wai têm se organizado através da Associação de Mulheres Indígenas da Região de Oriximiná (ARMINO) para realizar projetos de produção e venda de artesanatos, além de outros itens que elas produzem, como a pimenta em pó.

Atualmente, vivem na aldeia Mapuera etnias diferentes, são elas: Wai Wai, Hixkaryana, Mawayana, Xerew, Katwena, Tiriyo, Parikwoto, Mimpoyana, Tikyana, Tunayana, Wapixana e Katxuyana. Diante dessa diversidade de povos que lá vivem, a aldeia acabou se especializando no que são chamados de “bairros”, que são agrupamentos de famílias extensas que vivem próximas (Figuras 2, 3). Esses bairros são separados por roçados, capoeiras ou mesmo quintais das casas, mas conectadas por caminhos.

A partir do final dos anos 40 do século XX, vários grupos indígenas que viviam nos Rios Trombetas e Mapuera e seus afluentes, assim como no rio Essequibo na atual Guayana, foram contactados por missionários protestantes norte-americanos, e assim as missões juntaram várias etnias diferentes em uma só aldeia. A história de formação (Caixeta de Queiroz, 2008) dessa aldeia inclui uma diversidade grande de povos como Hexkaryana, Mawayana, Xerew, Katwena, dentro outros grupos, que por diversos fatores históricos,

incluindo a interpretação dos missionários evangélicos, ficaram conhecidos como Wai Wai

Figura 2 – Mapa com a localização das Terras Indígenas Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera.



Fonte: adaptação feita por Rafael Monteiro, 2018.

Figura 3 – Vista aérea da aldeia Mapuera, notar a separação dos agrupamentos de casa separadas por roçados e capoeiras, mas conectadas por caminhos.



Fonte: Cooni Wai Wai (2019, p.9).

Essa pesquisa é em parte resultado do trabalho iniciado com a bolsa de iniciação científica intitulada *Etnoarqueologia dos Adereços Corporais de Semente de Morototó das Mulheres Wai Wai*, realizada entre 2020 e 2021, sob orientação da professora Camila Pereira Jácome. O campo foi realizado em 2020 durante a época da pandemia, quando estava reclusa com a minha família na aldeia Mapuera.

O objetivo geral do projeto que gerou este trabalho de conclusão de curso, foi descrever os adornos corporais de semente morototó, do passado e do presente, elaborados pelas mulheres Wai Wai da aldeia Mapuera, tentando entender os processos de mudança e continuidade na fabricação desses adereços.

Já os objetivos específicos foram:

- Realizar revisão bibliográfica sobre os artesanatos com sementes e miçangas realizados na região do Alto Trombetas
- Descrever o processo de produção, desde a coleta das matérias primas até a finalização, dos adereços feitos com morototó, com identificação dos padrões gráficos

(desenhos) associados.

- Descrever as formas de uso e produção das tangas feitas de morototó, importante adereço usado nos rituais.
- Identificar histórias antigas sobre esse tipo de artesanato.
- Trazer informações sobre uma tecnologia perecível (Rodrigues, 2021) feita exclusivamente por mulheres. A partir disso trazer informações sobre isto também uteis à arqueologia.

É importante colocar, que além das dificuldades decorrentes da própria pandemia, como questões de saúde e receio, esse período também limitou muito as atividades de campo, por exemplo, não tive contato direto com minha orientadora, somente pela internet que na aldeia era muito ruim, não tive também acesso a equipamentos como máquina fotográfica e gravador de voz, pois não pude voltar a cidade. Só pude usar meu celular que também era muito ruim e não consegui fazer registros audiovisuais tão bons. Logo após o retorno das aulas na Universidade, no começo de 2022, eu fiquei grávida, o que me impediu de retornar as aldeias para o trabalho de campo. Terminei este trabalho de conclusão de curso me dedicando também com cuidado com meu bebê. Então os resultados aqui obtidos foram influenciados por todas essas situações.

Este trabalho de conclusão de curso que apresento está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo faço uma apresentação geral dos estudos já feitos sobre o tema do artesanato dos Wai Wai, em especial, os feitos por mulheres utilizando miçangas e sementes. No segundo capítulo apresento o resultado das entrevistas que coletei na Aldeia Mapuera, essas entrevistas foram semiestruturadas, com perguntas elaboradas juntamente com a orientadora (Anexo 1), sendo que o objetivo foi fazer uma apresentação geral das etapas do trabalho com a semente de morototó.

No Capítulo 3, apresento um recorte mais específico do trabalho com a descrição da tanga feita em morototó, a partir de entrevista que fiz com minha sogra. Esse artesanato é usado pelas mulheres atualmente em dias de festas e rituais, mas antigamente era usado também cotidianamente.

A partir de agora irei falar um pouco sobre minha experiência na escola e na universidade, para lhes apresentar sobre a vivência e as dificuldades que tive ao longo desse processo de formação. Minha trajetória como estudante se iniciou na aldeia Mapuera onde cursei o ensino fundamental. Durante esse período tive aulas com professores indígenas e não

indígenas. Foi nesse período que pude aperfeiçoar a língua portuguesa e a língua Wai Wai. Em seguida fui para o ensino médio, também na aldeia, onde tive aulas apenas com professores não indígenas. Após finalizar o terceiro ano realizei a inscrição do processo seletivo da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) para o curso de arqueologia por conta da grande quantidade de material arqueológico que encontramos na aldeia. Durante o curso pude tirar muito proveito do conhecimento repassado pelos docentes e não tive muitas dificuldades no conteúdo. Todavia apresentei muita dificuldade na questão da língua portuguesa desde a leitura dos textos e a compreensão da explicação dos docentes. Além da língua outra dificuldade foi a saudade de casa por conta da distância e não era fácil ficar viajando rotineiramente devido ao alto valor da passagem. E agora finalizando o curso tenho o objetivo de poder ingressar em projetos de pesquisas voltados para minha região.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA DO ARTESANATO FEITO PELAS MULHERES INDÍGENAS DA REGIÃO DO RIO TROMBETAS

Sobre a arte e artesanato na região do Trombetas podemos dividir os trabalhos já publicados, naqueles que foram realizados com os artesãos(ãs) Waiwai com os (as) Katxuyana. Como já abordado por diversos autores (FRIKEL,1958; HOWARD, 2001; CAIXETA DE QUEIROZ, 2008 e 2015; GIRARDI, 2011; GRUPIONI, 2015; ALCANTARA E SILVA, 2015), essas denominações de grupos são bastantes fluidas, do ponto de vista identitário. E em muitos dos trabalhos realizados sobre a temática a fluidez também se manifesta na cultura material.

Podemos citar por exemplo o trabalho de Berta Ribeiro (1988), que compilou técnicas e formas de diversos tipos de artesanato feito pelos povos indígenas no Brasil no seu livro *Dicionário do Artesanato Indígena*. Nele a autora traz informações fundamentais para compreender objetos e técnicas de produção utilizados nas tramas de morototó, especialmente nos capítulos "Cordões e Tecidos" (p. 77-110) e "Adornos de Materiais Ecléticos, Indumentária e Tocador" (p. 147-191), e inclusive nessas seções há vários exemplos de diversas peças guianenses. Berta Ribeiro (1988) aponta que o que se considera artesanato indígena é muito amplo.

No entanto, neste trabalho focaremos mais na bibliografia específica da região do Rio Trombetas. E ainda, nessa revisão bibliográfica vamos priorizar as produções sobre artesanato voltado ao uso corporal, que majoritariamente é feito por mulheres, com algumas exceções como veremos abaixo (Rodrigues, 2021). Nas fontes utilizadas vemos que muitos objetos descritos foram feitos com materiais diversos, não somente com a semente de morototó, mas com miçangas de vidros dentre outros. Vamos apresentar todos eles, pois como veremos nas considerações finais os artefatos em miçangas e sementes estão relacionados, pela técnica e pelos usos históricos.

Com os Wai Wai iniciamos com a clássica monografia de Jens Yde (1965). Entre os anos de 1954 e 1959, Jens Yde, etnógrafo dinamarquês que foi curador do Museu Nacional de Copenhague, realizou pesquisas etnográficas visitando a Guiana Britânica e alguns lugares do Brasil, dentre essas expedições visitou aldeias Wai Wai do Alto Essequibo³, onde muitos

³ Uma área compreendida entre o Rio Essequibo e a divisa tradicional entre Guiana e Venezuela.

grupos vindos do Brasil já se reuniam próximos às missões religiosas norte-americanas vinculadas a Igreja Batista. Na expedição, Yde esteve acompanhado por outro etnólogo Niels Fock, e foram os responsáveis pelo levantamento de itens da vida material e econômica dos grupos dessa região. Esta experiência etnográfica gerou o livro *Material Culture of Waiwai* (YDE, 1965). Em geral, Yde mostra que os processos produtivos e os materiais utilizados eram muito semelhantes entre os vários grupos que ficaram alcunhados de Wai Wai, no entanto, ele mesmo observa e ressalta pequenas diferenças nas formas de acabamento e decoração

Ele tratou dos aspectos materiais de diversas partes da vida do povo Wai Wai, suas aldeias, casas e acampamentos, trabalho com agricultura e artefatos relacionados, principalmente ao cultivo e processamento da mandioca, armas e equipamentos de caça e pesca, tecnologia de fabrico e uso da cerâmica. Ainda nos aspectos do cotidiano, Yde traz informações sobre os meios de transporte, seja para viajar, em especial de navegação, ou carregar cargas. No que tange, aos aspectos artísticos e/ou estéticos, Yde focou na música e instrumentos musicais, ornamentação corporal e decoração dos objetos em geral, em especial, os desenhos elaborados nas tangas, bancos, cerâmicas, objetos trançados, remos etc.

Para o nosso trabalho são especialmente relevantes as suas descrições sobre os enfeites diários e as tangas. Segundo Yde (1965, p.221), os enfeites diários na época em que fez o seu campo eram colares de miçangas e um enfeite de barbante que ficava no peito e nas costas. O colar de contas, chamado por ele de *wariü*, era feito com várias cordas com contas paralelas, com as cujas extremidades do colar amarradas, esses cordões geralmente eram de uma única cor, mas era comum o uso de vários colares ao mesmo tempo, o que produzia um efeito de um único colar pesado e colorido. De acordo com Yde (1965) o vermelho escuro era a cor preferida. “A esse colar de contas uma variedade de objetos poderia ser adicionada, como pequenos sinos de latão, dentes de animais, garras de animais e aves, sementes, nozes pequenas, alfinetes de segurança adquiridos dos missionários e dos viajantes, antigas moedas brasileiras” (Yde, 1965, p.222, *tradução nossa*).

Os colares eram enfeites corporais usados por todas as pessoas, homens e mulheres, jovens e crianças. Mas os colares feitos exclusivamente de sementes, e aqueles que misturavam sementes com miçangas eram de uso exclusivo das mulheres (*ibidem*). De acordo com Yde, as sementes preferidas usadas no artesanato eram as chamadas *job's tears* (lágrimas

de Nossa senhora), que em wai wai é *wosáto*⁴. Ele menciona que alguns dos cordões de sementes ou miçangas eram tão compridos que as mulheres não os penduram ao redor do pescoço, mas deixe-os passar de um ombro pelo peito, passando sob o lado oposto braço, esse modo de usar, era particularmente mais comum em meninas (*ibdem*)

“Haviam colares que atravessavam o peito e as costas, o *shakapá*, que consiste em um tipo de adorno usado por homens e mulheres, mas materiais com os quais eram feitos eram diferentes” (Yde, 1965, p.222, *tradução nossa*) (Figura 4). O de uso masculino era feito com volumosos fios de algodão formando duas voltas que são presas por conjunto de fios de algodão nas costas. Os fios de algodão são tingidos *onomto* e neles eram amarrados um grande vários pequenos tufo de penas de tucano. Na época que Yde visitou o rio Mapuera, o *shakapá* era um adorno já pouco frequente, o que ele observou é que já estava caindo em desuso como um ornamento diário (*ibdem*)

Figura 4 - Um homem Mawayana em Kanashén usando penas no nariz, e o *shakapá*, peito e costas e bandoleiras e enfeites de miçangas.



Fonte: Foto retirada da Ilustração 85 (Yde, 1965, p.223)

Já o *shakapá* feminino era usado todos os dias, segundo observou (Yde, 1965, p.222,

⁴ Algumas palavras escritas que foram escritas são consideradas erradas na grafia Wai Wai atualmente, mas neste trabalho deixaremos a grafia usada pelo autor nos trechos que fazemos referências ou citamos literalmente.

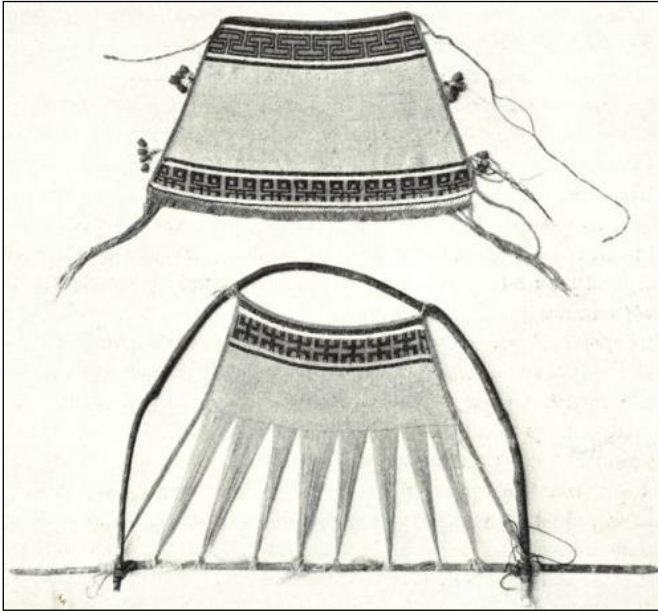
tradução nossa) até por meninas pequenas. Eles eram feitos com fios de algodão cravejados com contas de vidro vermelhas, amarelas ou transparentes, mas com muita frequência, eram feitos apenas com sementes de lágrimas de Nossa Senhora, ou alternando miçangas de vidros e as sementes.

A outra peça muito comum de uso diário, eram as tangas feitas e usadas por mulheres, Yde traduziu como “aventais”, o termo *keweyú*, como é chamado esse tipo de vestimenta. Yde (1965, p.220, *tradução nossa*) menciona que a tanga era uma vestimenta indispensável para as mulheres, sendo feitas de miçangas de vidro importadas. Sobre a manufatura dessa vestimenta, ele escreve que a tanga era tecida sobre uma armação, *keweyuapón*, que significa ‘o assento para o *keweyú*’ (-*apón* significa assento), feito de uma vara dobrada em uma curva e mantida nesta posição por uma haste de madeira amarrada entre as extremidades (Figura 05), formando uma espécie de bastidor. A tanga então é tecida a partir de fios de algodão amarrados ao *keweyuapón*. A trama vai sendo construída na medida que os fios de algodão vão sendo amarrados ao bastidor. Sobre o *keweyuapón*, Yde (*ibidem*) afirma que foi informado que são descartados após o uso, mas quando observou o que era usado por Towchí em Yaka Yaka, ele tinha uma coloração escura e aspecto brilhante, que lhe sugeriu ser de degaste e uso contínuo.

Na época de sua etnografia Yde (1965) menciona que a maioria das tangas eram feitas com miçangas brancas, as coloridas (azuis e vermelhas) eram usadas somente nos desenhos padreados da borda superior e inferior. As bordas dos aventais eram decoradas com diversos pequenos objetos, amarrados as franjas de fio de algodão, tanto na borda inferior, quanto nas laterais. O etnógrafo Yde cita em sua obra que entre os objetos utilizados para essa decoração estavam: sinos de latão (adquiridos das áreas de campo aberto, savana do Planalto das Guianas), asas de besouro com brilho verde metálico, penas de tucano e nozes denominadas de *weyochí*, entre outros pequenos objetos.

Com relação ao tamanho, as tangas variaram de acordo com tamanho das molduras em que eram feitas, essa diferenciação se dá também pelas idades, maiores para as mulheres adultas e menores para as meninas (Figura 6). Mas dependendo da pouca disponibilidade de materiais, uma mulher adulta também poderia usar tangas pequenas. Yde (1965) afirma que “as meninas recebiam sua primeira tanga por volta dos 4 ou 5 anos de idade” (p.220, *tradução nossa*).

Figura 5 - A manufatura a tanga era tecida sobre uma armação, keweyuapón, o assento para o keweyú.



Fonte: Yde 1965, p.199.

Figura 6 – Mulheres adultas e meninas espremendo mandioca, foto registrada por Jens Yde. Notar a mulher e a menina que estão próximas a porta da casa com tanga de miçanga, quanto a mulher no primeiro plano e a menina mais à direita já usando a saia de tecido, provavelmente fornecida pelos missionários.



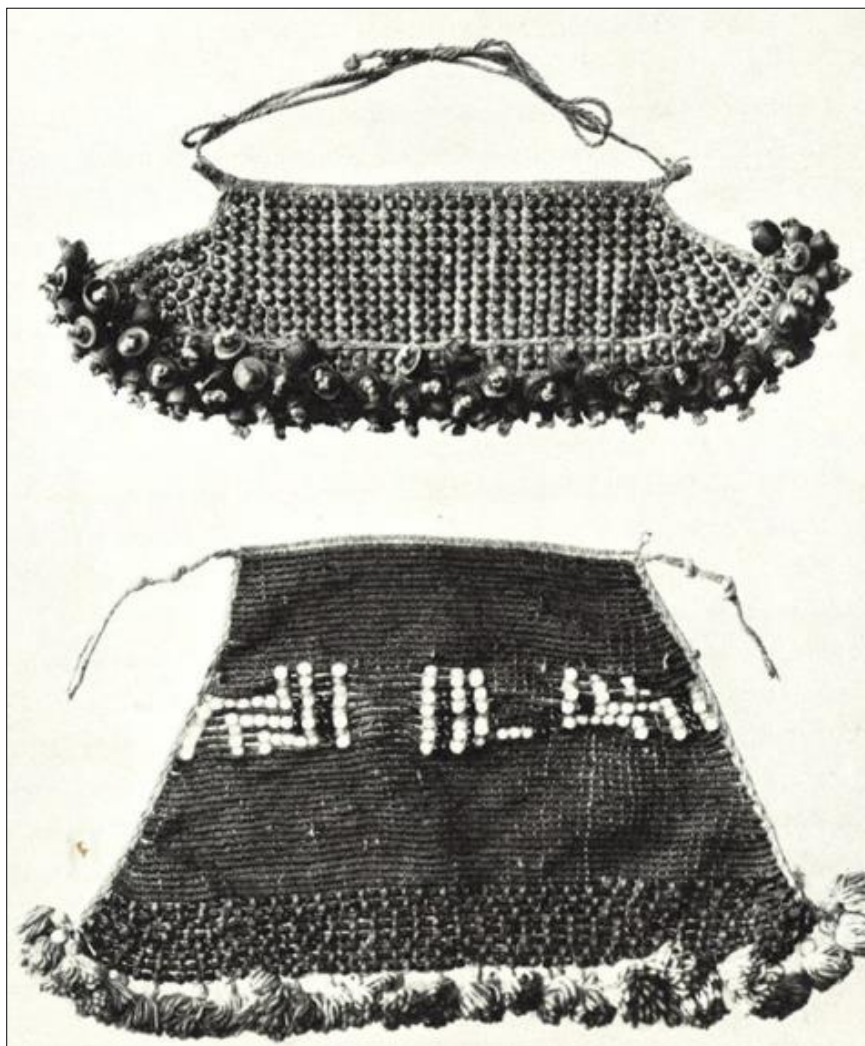
Fonte: Museu Nacional de Copenhague, coleção online, <https://samlinger.natmus.dk/assetbrowse?keyword=WAI,WAI>

Yde (1965) faz uma observação sobre a introdução das miçangas de vidro entre os povos indígenas da América, de acordo com ele “já no século XVI havia circulação delas em diversos lugares do continente americano” (p.202, *tradução nossa*). De acordo com o autor, as contas de vidros entraram nas Guianas por volta do século XVIII, e que provavelmente logo já foram empregadas para a confecção de tangas. Ele corrobora seu argumento (*ibidem*), usando exemplos de tangas que estão no acervo do Museu Pitt Rivers em Oxford. Uma das peças se encontra muito fragmentada, foi coletada em 1812. Já outras duas, que estavam também no mesmo museu, tinham etiquetas de que elas chegaram lá em 1836. Já as peças que se fazem parte do acervo no Museu Nacional de Copenhague, tem datas de aquisição de 1939 e 1942.

Yde ressalta que, “a chegada das miçangas de vidro nas áreas de floresta, no interior das Guianas (incluindo a Guiana Brasileira) e da bacia do Rio Negro, foi mais lenta, de acordo com relatórios dos viajantes do século XIX” (1965, p.202, *tradução nossa*). E também menciona que Robert Schomburgk em 1843 e Im Thurn em 1883 observaram as tangas de miçangas entre os Pianokotó feitas de sementes redondas e coloridas. Nas coleções dos museus europeus citados aqui, encontram-se vários exemplares de aventais de miçangas do séc. XIX provenientes do interior da Guiana.

Um dos exemplos que Yde (1965, p.203) descreve são de duas tangas, em que uma delas foi catalogada em 1890, feita inteiramente de sementes redondas e perfuradas, com uma franja de sementes de dendê cortadas ao meio, no entanto o etnólogo dinamarquês acreditava que tenha sido coletada muitos anos antes na região do Rio Branco (Figura 5). Já a outra tanga, não possui informações sobre a data ou localização de coleta, foi feita de contas vegetais escuras e polidas, com adição de algumas contas de vidros contas que formam um padrão gráfico no fundo escuro (Figura 7). Para isso o autor pontua ser claramente um fenômeno de transição que ilustra a adoção do novo material na velha técnica.

Figura 7 – Tangas antigas, do início do século XIX, guardadas no Museu Nacional de Copenhague, a peça de baixo, mistura miçangas de vidro e sementes.



Fonte: Yde 1965, p.203

Recentemente, o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade (IDEFLOR-Bio) (KAHWAGE; NASCIMENTO; SILVA, 2017), ligado ao Governo do Estado do Pará, desenvolveu um projeto que resultou na publicação de um livro, assim como de um seminário, sobre o levantamento do artesanato dos povos dos rios Nhamundá e Mapuera (Figura 8). O levantamento teve por objetivo um diagnóstico para proposição de ações voltadas a promoção do desenvolvimento socioambiental, seja pelo estímulo ao plantio de espécies usadas no artesanato, seja pela venda das peças. A publicação apresenta muitos objetos, adornos plumários, cordões e tecidos, utensílios e implementos de madeira, trançados, aramas e cerâmica, feitos atualmente nas aldeias dos dois rios. Esse trabalho foi muito importante como auxiliar e complementar no trabalho de campo que fizemos para este TCC, pois apresenta muitas descrições e imagens do artesanato em morototó.

Figura 8 – Colares feitos de semente de morototó com grafismo da arara vermelha e do gavião.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017, p. 22)

Mais recentemente Igor Rodrigues (2021) apresentou a sua pesquisa sobre os trançados dos povos do rio Mapuera, também conhecidos como Wai Wai. O trabalho de Rodrigues tratou das técnicas de manufatura, incluindo a própria formação das pessoas artesãs habilidosas e interações com diferentes seres; os significados que permeiam a produção e o uso dos trançados e critérios de classificação desses artefatos. O arqueólogo também trabalhou com as coleções etnográficas, especialmente aquelas com trançados, presentes em museus do Brasil e do exterior, considerando que as peças podem ser tratadas como documentos históricos que indicam continuidades e mudanças tecnológicas. Ademais, apresenta-se reflexões sobre alguns conceitos arqueológicos, antropológicos e indígenas relacionados à materialidade, tecnologia e variabilidade artefactual. Diferentes escalas de análise de ensino aprendizagem dos trançados são exploradas.

Neste trabalho também foi feito, a partir da análise de três classes de objetos trançados, uma comparação entre os trançados feitos por diferentes povos falantes de língua Karib das Guianas. O objetivo foi a proposição de um modelo para pensar os fluxos de conhecimentos e técnicas circulam por essa região. Dentre os trançados a maior parte constitui cestos e objetos utilitários, mas dois deles são voltados ao uso corporal, as vestimentas *yamo* e *xoriko* utilizada em festividades (Figura 9). Todos os trançados são feitos por homens.

Figura 9- Ilustração de roupas trançadas para danças em festas, na prancha é possível ver a pesquisa com as roupas antigas e atuais.



Fonte: Igor Rodrigues (2021, p.381)

Sobre os povos que habitam o rio Cachorro citamos os trabalhos de Adriana Russi, com um inventário do artesanato da cidade de Oriximiná, incluindo o Katxuyana, (Russi, 2013), o de Maria Denise Fajardo Grupioni (2009) com a *Arte Visual dos Katxuyanae Tiriyo*s e mais recentemente a dissertação de mestrado de Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira (2019).

O trabalho de Russi (2013) se desenvolve a partir de um projeto de Educação Patrimonial em Oriximiná, onde realizou um inventário do artesanato tradicional da região. Com jovens e adultos de diferentes grupos étnicos (indígenas, remanescentes de quilombos, ribeirinhos) presentes na região, revela um conjunto de saberes e fazeres desvelados a partir do registro de memórias e da observação participante. É um trabalho de cunho geral do artesanato feito de Oriximiná, não somente pelos povos indígenas do Trombetas. O trabalho traz um panorama importante sobre artesanato feito sobre vários materiais, incluindo a arquitetura, assim como tecnologias de processamento, como da mandioca.

Já o trabalho de Denise Fajardo Grupioni (2009) traz uma abordagem da arte visual baseada em narrativas e em informações registradas durante oficinas que coordenou entre os Tiriyo e Katxuyana. No trabalho, a autora, identifica que os desenhos, chamados de *tarëno* tem origens diversas, e não vem somente dos próprios Tiriyo e Katxuyana, mas também de outros povos indígenas vizinhos. Pois, de acordo com Grupioni (2009), a incorporação de coisas, pessoas, conhecimentos e jeitos de viver do ‘outro’, seja ele aliado ou inimigo, é algo que faz parte do próprio ser Tiriyo e Katxuyana.

O seu repertório de grafismos Tiriyo é denominado *imenuhton*, traz os nomes dos motivos que fazem parte deste repertório, ou designam, de onde foram ‘copiados’, como é o caso dos motivos tirados da ornamentação da pele de animais e dasuperfície de objetos diversos, ou remetem à semelhança com determinadas partes externas ou internas de animais e plantas variados. Um dos exemplos interessantes, é um dos desenhos feitos nas tangas em miçanga de vidro que foram retirados do caixa de trançado chamada de *pakará* (Figura 10). Outro exemplo, já é o desenho que pode ser feito em pulseiras, bolsa e colar, que remetem ao formato do olho do macaco (Figura 11).

Figura 10 – O desenho da tanga que veio da caixa trançada (pakara).



Fonte: Grupioni (2009, p.86).

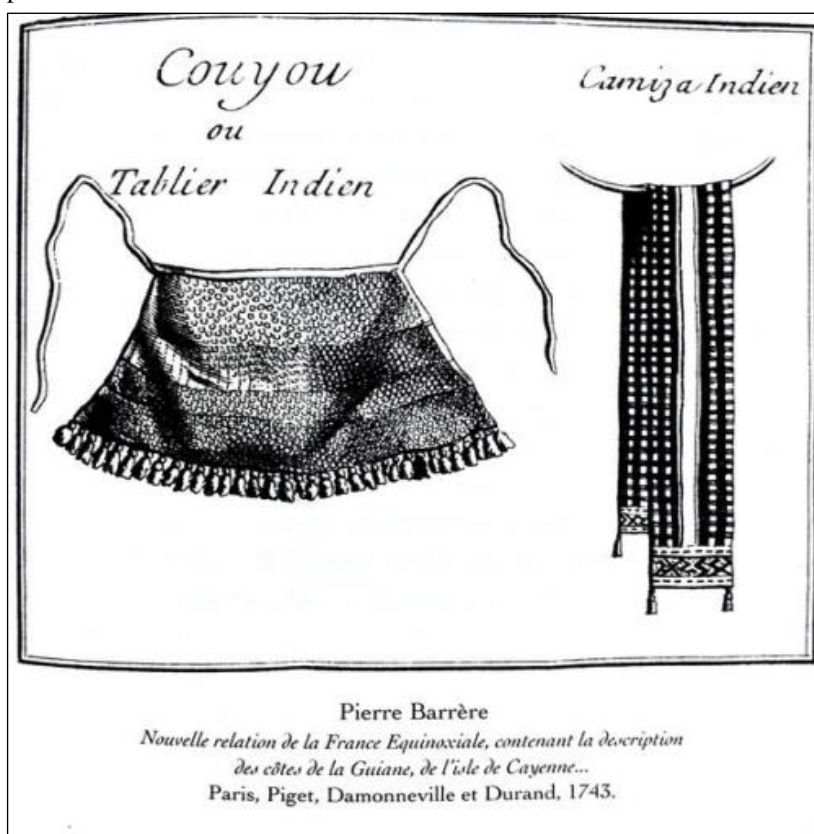
Figura 11 – Desenho feito em pulseiras, colares e bolsas que são do olho do macaco.



Fonte: Grupioni (2009, p.86).

E por fim, mencionamos o trabalho de pesquisa de Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira (2019), que pesquisou peças feitas de miçangas de vidro pelos povos indígenas Katxuyana, Tiriyo e Aparai, que vivem na T.I. Parque do Tumucumaque. Ela também abordou suas representações iconográficas e mitológicas, a partir de revisão bibliográfica e trabalho de campo. A pesquisa teve como abordagem as formas de utilização das miçangas bem como as transformações que tanto as contas como os objetos feitos com elas operam. A antropóloga coaduna com a observação de Yde (1965), através de levantamento de fontes históricas, de que já no século XVII as miçangas de vidro circulavam por meio de trocas entre europeus e indígenas e troca entre as aldeias indígenas. Esse fato, corrobora com as tangas, que já há bastante tempo são feitas com miçangas e/ou miçangas com sementes (Figura 12). A partir do relato do Padre Jean de la Mousse, um jesuíta que andou pela região litorânea do Suriname e Guiana Francesa entre os anos de 1684 e 1691, a autora ressalta a semelhança entre os padrões dos desenhos históricos de tangas dos Galibi, povo indígena também Karib, com os padrões de tangas ainda feitas atualmente pelas indígenas da região do Tumucumaque, assim como também do rio Trombetas.

Figura 12 – Ilustração do livro de Jean de la Mousse, obra do século XVII, com a representação de tanga utilizada pelos Galibi do Guiana Frances.



Fonte: Oliveira (2019, p.55)

O trabalho de Cecília Oliveira (2019) é muito rico em informações, que mesmo sendo coletadas sobre o artesanato de mulheres Tiriyó, Apalai e Katxuyana, tem muita semelhança com o contexto das mulheres Wai Wai. Ela aponta os muitos materiais envolvidos na produção das *keweyu*, as miçangas, fios de algodão e curuá, e apetrechos de ornamentação das bordas. Sobre estes últimos a autora menciona que na maior parte são utilizadas sementes e enumera 12 diferentes tipos de sementes: “*sawawaimë, maramara, makuipana, aturaimë, kupapi, ampere, parakaru, marapaimë, wëtëi, arekore enu, aweke, sirisiri ipifë*” (Oliveira, 2019, p.85). Segundo ela (*ibdem*), antigamente ainda que eventualmente poderiam ser utilizados também dentes de macaco (*taripi ie*), dentes de onça (*kaikui ie*), dentes de porco-do-mato (*ponyke ie*), vértebra de peixe (*kana ietipi*) e vértebra de jiboia (*kiwini ietipi*), além de penas de diversos tipos de periquitos e de tucanos, e élitros de besouro (*sirisiri ipifë*). Ela ainda menciona que “antes as conchas de caramujo, *kue*, eram utilizadas para manufatura de um tipo de brinco chamado panatura, que ligava uma orelha a outra por meio de alguns fios de miçangas brancas, passando abaixo do queixo” (Oliveira, 2019, p.85).

Em relação as idades das mulheres artesãs, ela menciona que uma mulher jovem tem poucas miçangas, pois em geral conseguem pela doação das suas parentes mais velhas para receber as contas e desenvolver suas habilidades de tecelã. Segundo ela, as mulheres que tem grande quantidade de miçanga são mulheres que possuem muitas relações de troca, especialmente com parceiros (as) externos (as) da aldeia. “Esse é um padrão histórico, de trocas com os europeus e *mekoros* (quilombolas) que persiste ainda hoje, principalmente com parcerias de projetos de ONG’s” (Oliveira, 2019, p.72).

Outro ponto interessante que o trabalho de Cecília Oliveira traz é sobre as cores das miçangas, “em geral, a composição dos padrões gráficos das peças são contrastantes” (OLIVEIRA, 2019, p.76), ela aponta que há uma ausência de *dégradé*, que somente aparecem em peças feita por mulheres indígenas que moram na cidade. Sobre a tecelagem, a dissertação de Oliveira (2019, p.86) traz muitos detalhes, sendo as duas as principais técnicas: *samura amoitëfë* e *samura tikepifë*, sendo que dentro desta segunda técnica, existem diversos procedimentos, implicando na utilização de instrumentos variados.

A técnica *samura amoitëfë* é feita pelo enfileiramento de miçangas num único fio, com ou sem o auxílio de uma agulha, sendo a primeira técnica aprendida. Já a técnica *samura tikepifë* é aquela que produz peças pela elaboração de uma trama. A trama pode ser feita de diferentes maneiras, com uma única agulha (*tëgen akus*), que podem ser divididos em dois tipos: feito com teares como a tanga, algumas pulseiras e cinto masculino, e sem teares, como

as pulseiras, brincos, colares, bolsas, cestos. Apesar da tanga ser uma peça muito importante e simbólica do artesanato do Tumucumaque, segundo a autora o maior volume de peças produzidas é ainda são feitas com agulha, mas sem tear (Oliveira, 2019, p.92). Ainda é mencionada uma técnica de tecer com duas agulhas (*tïwereken akusaton*), mas rara, considerada difícil e empregada para fazer pulseiras em geral copiada de outros povos indígenas.

“As meninas começam o aprendizado enfiando as miçangas em fio, e a partir disso logo aprender a tecer pulseiras com agulhas” (Oliveira 2019, p.107). As tangas são consideradas as peças mais difíceis de tecer, e as mulheres que dominam essa técnica são as mais velhas (*idem*). Segundo a autora, uma de suas colaboradoras na pesquisa, informou que aprendeu a tecer a tanga sozinha, olhando-a sendo feita por outras mulheres.

Mas um momento importante para o aprendizado no Tumucumaque é o período da reclusão das meninas, sua iniciação ritual, após a menarca. Segundo Oliveira (2019, p.109) “elas ficavam reclusas por um longo período, sendo submetidas a finos cortes sobre os quais passava-se uma mistura de pimenta e outras plantas, visando tornar a menina uma moça forte”. Na reclusão além das restrições alimentares, as meninas passavam por um processo intensivo de aprendizagem de conhecimentos das mulheres, como a produção de cerâmica, tecelagem de redes e o trabalho com artesanato de miçangas e sementes (Oliveira, 2019, p.110). Atualmente, muitas jovens tem aprendido esses processos com oficinas e projetos realizados por instituições e Ongs parceiras.

Sobre os padrões gráficos, notamos o que já foi exposto acima no trabalho de Denise Fajardo Grupioni (2009), que tem sido considerado um padrão Karib guianense, os desenhos usados para enfeitar os corpos são sempre adquiridos de outros povos e seres. Ou seja, não pertencem ao grupo, mas são adquiridos ou “capturados de outros seres, humanos e não humanos, mas marcadamente com características sobrenaturais” (Oliveira, 2019, p.97). A autora afirma que esse modo de produzir desenhos, capturando dos “outros” é uma relação que continua hoje com o uso da internet, onde fotos e imagens de trançados de miçanga são muito compartilhadas. Um padrão que chama atenção é o justamente da onça/tigre, usada em colares masculinos conforme ela expõe nas ilustrações 13, com os rappers colombianos e na figura 14 com os jovens Wayana na aldeia (Oliveira:2019, p.70) (Figura 13). Abaixo veremos, que esse padrão tem sido feito em morototó na aldeia Mapuera (Figura 24).

Figura 13 – Colares padrão onça/tigre, a esquerda com jovens rappers colombianos e a direita com jovens Wayana.



Fonte: Figuras 13 e 14 (Oliveira, 2019:70)

Um ponto interessante que Cecília Oliveira (2019), corroborando o que Grupioni já havia apontado é que “as miçangas, apreciadas há séculos, são eminentemente estrangeiras – o que não impede as mulheres Tiriyo de considerarem que a tecelagem com miçangas é mais antiga do que aquela feita com sementes” (OLIVEIRA, 2009, p.152). Tanto que o desenho do traje tradicional de diversos povos do Tumucumaque tem as miçangas de vidro como parte centrais, nas figuras abaixo (Figuras 14 e Tabela 1) colocamos a representação do traje tradicional Kahyana, povo que coabita no Parque do Tumucumaque, mas que são originários do rio Trombetas, vizinhos aos Wai Wai.

Figura 14 – Desenho do traje tradicional da mulher Kahyana, feita por Cecilia Oliveira, a partir de relato de Maria Vieira Kahyana.



Fonte: Oliveira, 2019:112.

Tabela 1– Tabela com a identificação dos adornes do traje da mulher Kahyana a partir da classificação de Berta Ribeiro.

N. de identificação	Nome em língua katxuyana/werikiyana	Identificação segundo Ribeiro (1988)
1	<i>panatxere</i>	Adorno auricular de miçangas
2	<i>wonoto</i>	Colares de voltas
3	<i>wayakuma</i>	Bandoleiras (miçangas ou algodão)
4	<i>ahomi</i>	Braçadeiras
5	<i>omekmatxi</i>	Pulseiras
6	<i>okonumitxi</i>	Cinto (algodão ou outra fibra vegetal)
7	<i>monenoho</i>	Tanga frontal (miçangas e pendentes variados)
8	<i>warakumitxi</i>	Jarreteiras (miçangas ou algodão e sementes)
9	<i>mētēmitxi</i>	Tornozeleiras

Fonte: Oliveira, 2019:112

A partir de alguns dos apontamentos desta revisão bibliográfica iremos fazer algumas considerações ao longo dos capítulos subsequentes, assim como da conclusão. Para facilitar a visualização apresentamos nessa tabela

Tabela 2 – Resumo dos adereços tecidos com sementes na bibliografia consultada

Referência Bibliográfica	Povo	Localização	Artesanato de sementes	Tipos de Sementes/miçangas citadas
Yde (1965)	Wai Wai	Rio Mapuera	Colar, braçadeira, tangas	Morototó Lágrimas de nossa senhora nozes denominadas de <i>weyochí</i> , miçangas de vidro
Iderflor Bio (2017)	Wai Wai	Rio Mapuera	Colar, braçadeira, tangas, cintos, brincos, pulseiras, tiaras	Morototó Lágrimas de nossa senhora, miçangas de vidro
Oliveira (2019)	Tiriyó, Katxuyana, Apalai	T.I. Parque do Tumucumaque	Tangas, colares, cintos, braçadeira, brincos, pulseiras, brincos, tiaras	Miçangas de vidro, sawawaimë, maramara, makuipana, aturaimë, kupapi, ampere, parakaru, marapaimë, wētëi, arekore enu, aweke, sirisiri ipifë

Fonte: Autora, 2023

CAPÍTULO 2 – O ARTESANATO FEITO PELAS MULHERES WAI WAI DA ALDEIA MAPUERA

2.1. Introdução

A metodologia aplicada neste projeto tem duas principais linhas de atividades, levantamento bibliográfico e levantamento de campo, a partir da abordagem etnoarqueológica (Silva 2009). Outros trabalhos feitos por meus parentes Wai Wai já foram feitos utilizando metodologia semelhante, como a história das aldeias antigas e da cerâmica Konduri (Xamen Wai Wai, 2017), as mudanças e persistências da forma de fazer cerâmica das mulheres Wai Wai (Cooni Wai Wai, 2017) e o conhecimento sobre os raladores de mandioca (Otkemi Wai Wai, 2021). Xamen Wai Wai, na sua dissertação de mestrado (2022) propôs uma arqueologia indígena feita a partir do conhecimento dos próprios Wai Wai. Portanto, este trabalho também se inspira nessas formas de fazer arqueologia por nós indígenas.

O levantamento bibliográfico foi feito auxiliado pela orientadora, com obras específicas sobre o artesanato dos povos indígenas do rio Trombetas, não somente dos Wai Wai, pois além da similaridade deste tipo de artesanato com outros grupos, e das trocas de técnicas entre eles, a bibliografia não é muito extensa (YDE, 1965; FAJARDO GRUPIONI, 2009; IDERFLOR BIO, 2016).

A segunda parte da pesquisa feita em 2020, consistiu no levantamento de campo, na Aldeia Mapuera, situada do rio de mesmo nome, na T.I. Trombetas Mapuera. Esse levantamento foi orientado por um roteiro de perguntas e guia para observação, aplicado com quatro artesãs experientes (ver formulário de perguntas em Anexo1). As perguntas foram feitas em wai wai e primeiramente escritas nesta língua, depois para poder dialogar com a minha orientadora e escrever este trabalho, fiz sua tradução escrita para o português. Infelizmente não temos as entrevistas na versão escrita em wai wai, somente em português (Anexo 2, 3, 4, 5)

As entrevistas foram fundamentais para entender a cadeia operatória dos artesanatos de morototó, junto com algumas mulheres mais velhas que tem grande conhecimento sobre esse tipo de artesanato. Eu não tive bons equipamentos para fotografar e gravar o trabalho com morototó, então somente poucas fotos foram tiradas. Esperamos poder continuar a pesquisa, para fazer um bom registro audiovisual desse trabalho artesanal.

Por fim, em 2023, após a melhoria das condições da pandemia e também a após o nascimento do meu bebê fiz uma entrevista, na cidade de Santarém com a minha sogra, Marcaleda Ciin Wai Wai, sobre o modo de fazer as tangas em morototó, o artefato considerado mais difícil de tecer, que será apresentado no capítulo 3.

2.2. Resultados obtidos

Os resultados que tivemos são basicamente aqueles que conseguimos identificar pelas entrevistas com as quatro mulheres, foram entrevistadas 4 artesãs experientes, de diferentes grupos (Katwena, Mawayana, Xerew, Wai Wai) que moram na aldeia Mapuera (ver Anexo). São elas **Ivanete Taneci Wai Wai** (47 anos), **Nilsa Maxruwi Wai Wai** (60 anos), **Marcaleda Ciin Wai Wai** (50 anos), **Sandra Tawosi Wai Wai** (65 anos) (Figura 15). São mulheres que conheço desde criança, sendo minhas parentes pelo lado da minha mãe ou da família do meu marido.

Figura 15 - As artesãs entrevistadas.



Fotos: Carolina Wai Wai, 2020.

Os resultados serão apresentados em quatro tópicos: processo de aprendizagem, levantamento de materiais utilizados, tipos e diversidade de adereços feitos com morototó e os desenhos utilizados nesse tipo de artesanato.

2.2.1 Sobre processo de Aprendizagem:

Todas as entrevistas disseram que aprenderam a fazer com suas mães. A faixa etária de início de aprendizagem variou de 15 a 20 anos. Também disseram que foi preciso um tempo para se aperfeiçoarem nesse tipo de artesanato e terem todo o conhecimento, o tempo de aperfeiçoamento variou de 4 a 10 anos. O que demonstra que é um tipo de artesanato de difícil domínio.

2.2.2 Sobre materiais utilizados

Todos os artesanatos listados (ver item abaixo) são feitos com a semente de morototó (*karakru*), que vem da árvore (*Schefflera morototoni*) (em wai wai, *karakruepu*) comum na Amazônia e em parte do cerrado (Figura 16). A semente passa por vários processos de tratamento, incluindo a secagem, coloração e ser furada, para transpassar os fios (de algodão ou linha de pesca) (Figura 20). Diversos materiais e instrumentos são utilizados no processo de fabricação dos artesanatos de semente de morototó, listamos aqui alguns deles, fio de algodão, agulha (para furar), madeira (furar), arame (para organizar as sementes furadas), pigmento vegetal (*karayuru*) para tingir as sementes, penas e outras sementes.

Os materiais e ferramentas não industrializados são em geral, coletados na mata, ou em áreas de roçados próxima as aldeias do Rio Mapuera, a atividade de coleta se faz em parceria, pelo marido e a esposa. Primeiramente se faz a busca matérias-primas, que pode ser feita pelo casal ou apenas pelo homem. As mulheres descreveram que em geral, a coleta se faz em uma região próxima à aldeia, cerca de 1 hora de viagem no rio. Depois caminham, mas 2 horas no mato para coleta a semente, para isso tem que se derrubar da árvore de morototó. Quando chegam em casa as sementes são colocadas em água para ferver, em uma panela grande. Depois disso são lavadas no rio e postas para secar ao sol. Somente, após esse tratamento prévio, as sementes são pintadas, com pigmento de vegetal (*karayuru*) em cores como marrom, roxo, preto ou vermelho (Figura 17, 18). Para furar as sementes são utilizados, agulha, mas antigamente se faziam com outros materiais. As sementes furadas são guardadas

em fios de arame, criando longos fios com morototó (Figura 20). As agulhas também são utilizadas para passar as linhas de algodão que dão forma aos diversos artesanatos. Outros materiais também são associados, outros tipos de semente, penas de aves, madeiras diversas, cabaça. Os materiais industrializados, como agulha e arame, são adquiridos em Oriximiná-PA.

O fio de algodão pode ser preparado na aldeia, a coleta é feita geralmente nas roças ou proximidades das casas (Figura 21). De acordo com o livro *Artesanato da Terra Indígena Nhamundá-Mapuera* o fio de algodão artesanal é produzido a partir das fibras do fruto seco do algodoeiro (*Gossypium* sp.), da família botânica das Malváceas. Esse é um conhecimento muito próprio das mulheres mais velhas, as artesãs mais jovens costumam comprar algodão ou fio de nylon de pesca, em Oriximiná (PA). O fio de algodão pode ser tingido com urucum e/ou jenipapo para a compor as cores da trama tecida. É importante ressaltar que o fio de algodão produzido pelas mulheres Wai Wai, além de excelente qualidade, é muito fino, uma escala de 0,1 a 0,2 mm.

No artigo *Uso do Saber Tradicional Indígena no Reconhecimento e Caracterização de Paisagens Manejadas na Amazônia Brasileira*, de autoria de Myrian Sá Leitão Barboza, Alcieila Farias Figueiredo, Angélica Leal de Souza, Vanessa Waiwai, Asiso Waiwai, Pedro Waiwai & Nivaldo Waiwai (2013), foi feita uma análise e descrição dos espaços que compõe as paisagens de duas aldeias Wai Wai do Rio Mapuera, Kwanamari e Takará, em uma perspectiva sobre entender as marcas da tradicionalidade indígena. No caso da aldeia Takará foram identificados 07 distintos espaços: roça, capoeira, quintal, buritizal, morototó, umbuzal e castanhal. O lugar definido do morototó (Figura 19) é onde se encontra a arvores de morototó, que fica no “meio do bambu, fica no meio das montanhas e lá a gente encontra muitos tipos de pássaros como *yakwe* (tucano de bico azul) e *kwicikwici* (outro tipo de tucano)” (Barboza *et al*, 2013, p. 299).

Figura 16 – Arvore do morototó, Schefflera morototoni.



Fonte: <https://www.facebook.com/100450691571962/posts/154983002785397/>

Figura 17 – Imagens da árvore e semente de morototó e seu processo de pigmentação.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

Figura 18 – Folhas, *karayuru*, usadas para o tingimento das sementes de morototó.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

Figura 19 – Mapa dos espaços da aldeia Takara, notar o desenho do lugar de coleta do morototó, assinalado na seta vermelha.



Fonte: Desenho de Pedro Wai Wai (Barboza et ali, 2013:540)

Figura 20 – Fio de arame para armazenar as sementes de morototó furadas.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

Figura 21 – Produção do fio de algodão para ser usado nas peças de artesanato de miçanga e semente.



Produção do fio de algodão.

Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

Tabela 3 - Materiais utilizados e acessórios para produção de adereços em semente de morototó

Atividade	Nome	Função	Aquisição
Tecimento	Morototó (karakru)	Base de diversos tipos de artefatos tecidos	Coleta no mato, distante da aldeia
Tecimento	Lágrima de Nossa Senhora (wohsa)	Pouco utilizada atualmente, somente mulheres idosas	Coleta no mato
Furar	Agulha	Furar as sementes para armazenagem e/ou tecer	Compra na cidade
Acabamento	Chapéu de napoleão (xoroxoro)	Usadas nas bordas/franjas das tangas de morototó e miçanga de vidro	Coleta no mato
Tingimento	Folha (karayuru)	Produz cor vermelha e preta (e variações de tonalidade)	Coleta no mato
Armazenagem	Fio de aço	Guardar as sementes de morototó	Compra na cidade
Tecimento	Fuso (popoku), haste e cuia (tutumu)	Produção da linha de algodão	Aldeia/roça (algodão), cerâmica e haste coleta de materiais no mato distante da aldeia
Tecimento	Tear em arco (keweyuapón)	Tecer tangas	Coleta no mato
Tecimento	Tear linear	Tecer pulseiras e colares	Coleta no mato

Fonte: Autora, 2023.

2.2.3 Sobre a diversidade de adereços

Existem diversos tipos de artesanatos que são feitos com a semente de morototó. Iremos apresentar alguns deles, que foram vistos e fotografados sendo eles: pulseira (*emekna*), colar (*kwari*), bracelete (*apomi*), tiara (*pemci*), cinto (*katami*), tanga (*keweyu*), chocalho (*wahxu*). Os colares tem diversos tipos desde os colares mais de um único fio de cordão com ou sem pingente, que são sementes (não definidas) revestidas de morototó (Figura 22). Esses colares de fio podem ser simples, com um único cordão, ou com vários cordões associados, alguns deles, tem partes que se enrolam entre si, tal como de uma corda. Há outros tipos de colares mais complexos e difíceis de fazer, que podem ser de vários tipos:

- (1) emblemas quadrangulares (ave mutum, ave arara, pessoa indígena) (Figura 21);
- (2) circulares (sol);
- (3) triangulares (Figura 23);
- (4) desenhos lobados tipo flores ou borboletas;
- (5) formatos mais realistas de animais, como o da face do tigre (Figura 24).

Esse tipo de padrão mais naturalista, do tigre, onça, urubu, arara e águia, parece ser bem recente, e ter vindo de influência de outros povos indígenas, ao norte do Trombetas, os primeiros registros que vimos desse padrão eram em miçanga, somente depois passaram a ser

feitos em morototó. É importante ressaltar, essas peças são de alta complexidade na sua manufatura.

Figura 22 – Colares circulares e com pingentes.



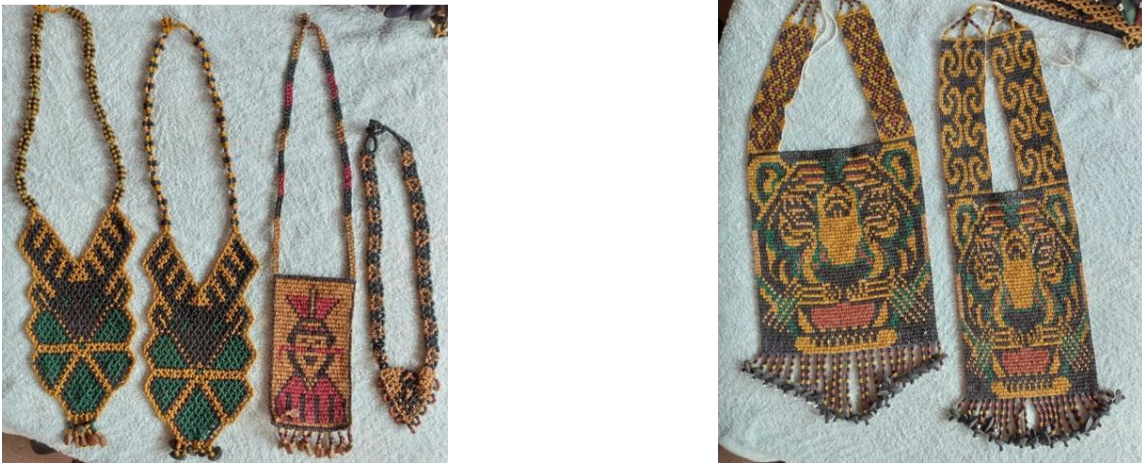
Fotos: CarolinaWai Wai, 2021.

Figura 23– Colares com emblemas de aves, mutum e arara.



Fotos: Carolina Wai Wai, 2021.

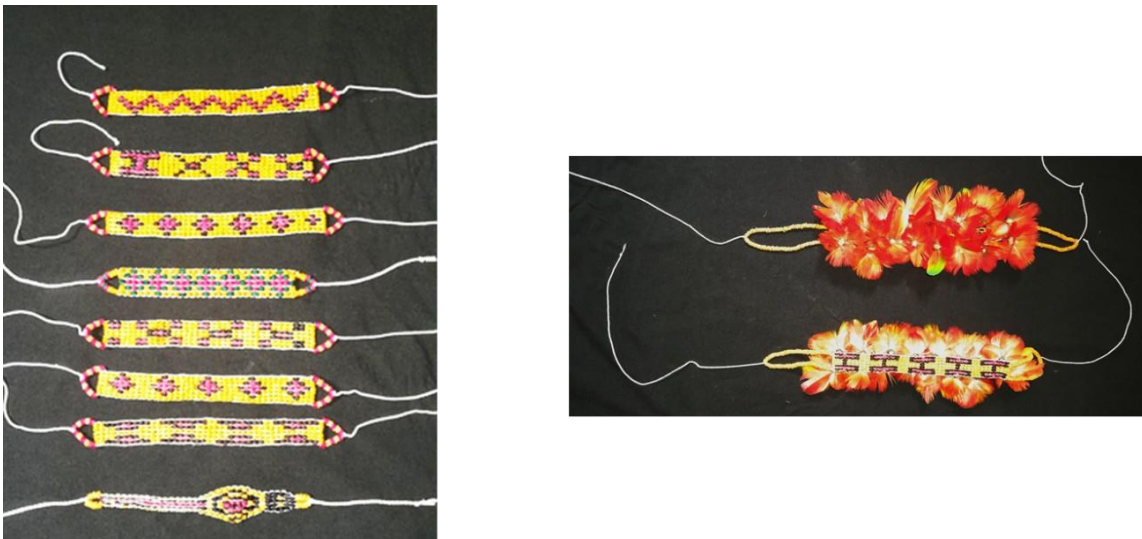
Figura 24– Colares diversas formas, emblemas quadrangulares (indígena) e triangular, borboleta e tigre.



Fotos: Carolina Wai Wai, 2021.

As pulseiras em geral são mais simples de serem feitas, pois são feitas por faixa lineares de semente, criando desenhos geométrico ou letras com nomes (Figura 25). Também é comum se fazer figuras de brinquedo representando animais, como jacaré, tatú etc. (Figura 23). Os braceletes ou braçadeiras, usados, abaixo do bíceps em geral, são feitos de faixas de semente de morototó, com desenhos geométricos, e são enfeitados com penas (Figura 25)

Figura 25– Braceletes ou braçadeiras feitos com sementes de morototó e penas.



Fotos: Carolina Wai Wai, 2021.

Outros artefatos utilizados no corpo são as tangas, as bolsas (ambos pelas mulheres), os cintos (usado por homens) e os chocalhos, em geral, usados em festas e rituais por homens

(Figura 11). As tangas são tecidas em uma espécie de tear (ver YDE,1965 e OLIVEIRA, 2019) com padrões formando desenhos geométricos. Sua barra tem sementes que ao andar ou durante as danças, fazem sons, como se fossem chocalhos. As bolsas são artefatos mais recentes e em geral também seguem o uso de desenhos geométricos (Figura 26). Os chocalhos são cabaças com pedrinhas ou sementes em seu interior que recebem um revestimento de semente de morototó (Figura 24).

Figura 26 – Tanga, bolsa e chocalho.



Fotos: Carolina Wai Wai, 2021.

2.2.4 Sobre os Desenhos aplicados

Os padrões de desenho feitos em artesanato de morototó são diversos, mas podemos separá-los em duas categorias. Os desenhos naturalistas e os desenhos geométricos. Os desenhos naturalistas são aqueles que representam seres que podem ser vistos e entendidos como seres vivos, entre eles estão os desenhos da arara (*kworo*), papagaio (*waaro*), escorpião (*cikiri*), cachorro (*xapari*), indígena (*incu*), sapo (*xirpapa*), entre outros.

Já os desenhos geométricos, quando observados parecem ser linhas que formadas por ângulos retos em geral, como gregas, triângulos, zigue-zagues, linhas retas etc., mas também representam seres ou partes de seres, como por exemplo o desenho da pata da cutia (*paski yemeknu*).

A seguir, fazemos uma descrição mais detalhada de uma única peça, que é considerada a mais difícil de ser tecida, a tanga de sementes de morototó.

Tabela 4 - Alguns padrões de desenhos usados no artesanato de morototó

Desenho	Imagem	Fonte
arara (kworo)		Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)
papagaio (waaro)		Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)
escorpião (cikiri)		Iderflor Bio (2017, p.69)
Flecha (uhre)		Iderflor Bio (2017, p.70)
Remo (wayapu)		Iderflor Bio (2017, p.70)

<p>Borboleta/mariposa (<i>tamatama</i>)</p>		<p>Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)</p>
<p>cachorro (<i>xapari</i>)</p>	<p>Sem imagens</p>	
<p>indígena (<i>incu</i>),</p>		<p>Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)</p>
<p>sapo (<i>xirpapa</i>)</p>	<p>Sem imagens</p>	
<p>onça (<i>kamara</i>)</p>		<p>Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)</p>
<p>cabeça de mandi (<i>warakaka pitho</i>)</p>		<p>Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)</p>
<p>pé da cutia (paxki yemeknu)</p>		<p>Foto de Carolina Wanaperu Wai Wai (2021)</p>

Fonte: Autora, 2023.

CAPÍTULO 3 – AS TANGAS FEMININAS FEITAS EM MOROTOTÓ

Essas informações que apresento aqui sobre as tangas foi um levantamento que fiz somente a partir de entrevista com a minha sogra Marcaleda Ciin Wai Wai, na cidade de Santarém. Por esse, motivo não pude observar e registrá-la fazendo o trabalho de tecer a tanga já que não havia todos os materiais disponíveis. As fotografias que irão compor o capítulo, foram retiradas de obras bibliográficas já citadas no capítulo 1. Os parágrafos abaixo são a transcrição da tradução da fala de Marcaleda Ciin Wai Wai:

As tangas são de grande importância há muito tempo, pois antes não haviam roupas para a vestimenta e com isso houve a produção das tangas (Figura 27). Bom vou contar como um processo de artesanato kahxapu da tanga, keweyu. Primeiro a semente é extraída da natureza chamada de morototó, karakru (Figuras 16). O acesso para extração dessa semente fica mais distante da aldeia e sempre buscamos através de transporte fluvial, e pela trilha dessa árvore Morototó, que geralmente, fica na terra firme principalmente na serra Morototozeiro, no máximo de 5 km distante na aldeia Mapuera. Assim derrubamos a árvore com motosserra ou machado e carregamos na jamaxim (xamaxi) e trazemos em casa.

Após trazer para casa colocamos para panela grande para cozinhar no mesmo dia ou outro dia e cozinha para lavar mais fácil, pois se não cozinhar não dá para lavar as sementes (Figura 16). Na panela cozinhamos durante dois dias e esperamos esfriar para levar no rio e lavar, após isso colocamos no sol as sementes durante quatro dias e está pronto para usar o material. Porém a época de conseguir a semente morototó é mês de junho porque sempre vai ter morototó durante o mês junho até agosto.

Antigamente nossas artesãs faziam artesanato sem figura, sem desenho, ou seja, sem significado porque era uso delas e hoje já se faz com desenho, mas não se sabe o motivo da mudança. Também elas tinham experiência produzir e fornecer algodão no loca (Figura 30). O processo para produção consiste em: primeiro é tirado o algodão e tiramos semente, depois detirar a semente batemos com pedaço de flecha ou pedaço de pau encima da peneira ou abano e depois começamos fazer linha de algodão. E também naquela época elas usavam material para furar as sementes como o dente de Peixe Cachorro, e dente de Peixe Trairão pra ter facilidade transformar de material.

Nós continuamos essa cultura do passado e utilizamos o mesmo material que utilizam nossos antepassados e mudamos duas coisas não usamos mais dente de Peixe que era utilizado antes, agora

nessa época utilizamos pra furarmos as sementes com o próprio arame, aço inoxidável de 3 metros. O arame também serve para deixar as sementes furadas guardadas. E nos utilizamos também algodão o mesmo que utilizavam antes, fiados por nós mesmas, mas também hoje utilizamos algodão comprados no mercado de cidade.

Para a pintura da semente de morototó utilizamos folha natural que na nossa língua karayuru para tingir (Figuras 16 e 17). Nos utilizamos somente os pigmentos vegetais da folha do karayru em que as folhas serão fervidas junto com as sementes para darem diversas colorações. Geralmente as sementes que recebem coloração preta serão fervidas por 2 dias. Depois as sementes serão postas ao sol para secarem ~~um~~ procedimento que poderá durar de um até dois dias. Para fazer a coloração em vermelho serão fervidas 3 a 4 minutos e depois as sementes são postas ao sol por 3 dias para secarem. Depois disso as sementes poderão ser furadas, cortadas ou serradas com a lima para enxada.

No caso da semente de morototó o processo para furar as sementes se dá através do uso de um rolo de arame e um pedaço de madeira onde as sementes são colocadas em cima do pedaço de madeira sendo em seguida furadas pela ponta do arame e enfiadas no próprio rolo de arame o que facilitará durante a confecção das peças já que nos rolos de arames essas sementes estarão organizadas por cor (Figura 20). A técnica da tecelagem é feita com os usos de teares distintos sendo que a confecção da tanga é feita através de um tear em arco feito em qualquer cipó ou pedaços de madeira, oromamni, nele ficam arrumadas as linhas em duas barras paralelas (Figuras 28 e 29).

Após esse processo iniciamos a produção da tanga, e colocamos desenhos com símbolos e significados, por exemplo: cabeça de mandi, warakaka pitho, desenho do pé da cutia, paxki yemeknu, e colocamos como significado a pintura da tanga pra sair bem no material. E também temos semente chapéu-de napoleão, xoroxoro, que são usadas na borda (parte externa) da tanga, e também vamos atrás dessa sementena mata por meio de transporte fluvial e também pela trilha. Assim como processo de semente morototó cozinhamos durante um dia. Depois levamos ao rio de bacia para lavar e colocamos para secar no sol durante dois dias para ser utilizado no artesanato da tanga, etc. ... A época de dar a semente chapéu- de-napoleão, xoroxoro, é no mês de março.

(Marcaleda Ciin Wai Wai, 2023)

No livro de Jens Yde (1965) é notável que não é fácil a identificação de muitos artesanatos em morototó, algumas imagens sugerem colares de morototó com penas (Figura 71, p. 198). Nenhuma das tangas da publicação foram feitas em morototó, as tangas que aparecem são feitas em miçanga de vidro e/ou em sementes que pela fotografia nos remetem as lágrimas de nossa senhora. Na publicação do Iderflor Bio (2017) há uma menção de que as tangas feitas com essa semente (Figuras 28 e 29) são muito trabalhosas de serem feitas, por serem duras para perfurar, e que somente poucas mulheres trabalhariam com ela, sendo

todas mais velhas.

Já na pesquisa de Cecília Oliveira (2019, p.53), que apesar de ter sido feita na região do Tumucumaque com as artesãs Katxuyana, Tiriyo e Apalai, traz reflexões tecnológicas e culturais que são mais amplas, e que podem corresponder a boa parte da região dos povos indígenas Karib guianense.

“As mulheres Tiriyo e Katxuyana, que consideram a utilização de miçangas na fabricação de suas saias frontais (*keweyu*) mais antiga do que o uso de sementes de *maramara*, feito sobretudo para agradar ao público não-indígena, que considera mais legítimo o artesanato indígena feito a partir de matérias-primas existentes nos ambientes da região” (GRUPIONI *et al*, 2007, p.11).

Como temos apresentado, e aprofundaremos a seguir, esse tipo de preconceito em nada condiz com as concepções e percepções indígenas acerca da “tradicionalidade” da miçanga.

A chamada semente de maramara é a mesma que a de morototó. É interessante essa colocação, pois ela parece ir de encontro à ausência ou pouca frequência de tangas em morototó nas publicações antigas. No livro de Yde é possível ver outros adornos que possivelmente eram feitos em morototó como colares e braceiras (Yde, 1965: 198). Em comunicação pessoal Igor Rodrigues (2022) apontou que não identificou tangas em morototó nos museus objeto de morototó nas coleções de museus (Igor Rodrigues em comunicação pessoal). Isso é muito interessante, pois vemos nas documentações históricas que já desde o século XVII (Yde 1965, Oliveira 2019) que a circulação de miçangas de vidro havia iniciado e foi prontamente incorporada à produção de tangas.

Ao mesmo tempo temos exemplares citados por Yde (1965) de peças que são feitas exclusivamente de sementes que pela foto lembra as lágrimas de nossa senhora ou misturando estas as miçangas de vidro. Ao que parece o morototó é uma alternativa de semente mais fácil de ser usada na tecelagem que a lágrima de nossa senhora, e ao mesmo tempo pode ser mais vendável para o mercado não indígena de acordo como o trecho citado acima de Oliveira (2019). Nas aldeias Wai Wai é muito comum nas festas vermos mulheres dançando com tangas de morototó, portanto neste contexto, as peças parecem ter também um gosto particular das Wai Wai pela estética com o morototó. Além disso, o acesso às miçangas de vidro pelas mulheres Katxuyana e Tiriyo é muito maior, devido à fato que pelo menos nos últimos 15 anos haver o desenvolvimento de projetos e oficinas com a tecelagem com miçanga de vidro.

Por fim, assim como na T.I Tumucumaque (Oliveira, 2019), na região dos Wai Wai há também diversidade de técnicas de tecer, com ou sem agulha, sendo também presente os dois tipos de teares, o de keweyu (Figura 30) e o tear linear (Figura 31) utilizado para o tecimento de cintos e pulseiras.

Figura 27 – Towxi Wai Wai produzindo sua tanga no rio Mapuera.



Fig. 73. Towchí making a bead apron.

Fonte: Yde (1965)

Figura 28 – Mulher Wai Wai (não identificada na publicação) fazendo tanga com semente de lágrimas de nossa senhora, essa é uma técnica e forma de fazer que só as mulheres mais velhas usam.



A produção de saias feitas de sementes de lágrima-de-nossa-senhora é realizada somente por artesãs mais idosas, uma vez que a técnica de produção requer muita dedicação e tempo disponível para a atividade artesanal.

Figura 29 – Processo de preparação, perfuração e armazenamento das sementes de lágrimas de nossa senhora que serão utilizadas pela artesã.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

Figura 30 - Instrumental utilizado para fiar o algodão, composto de várias partes.

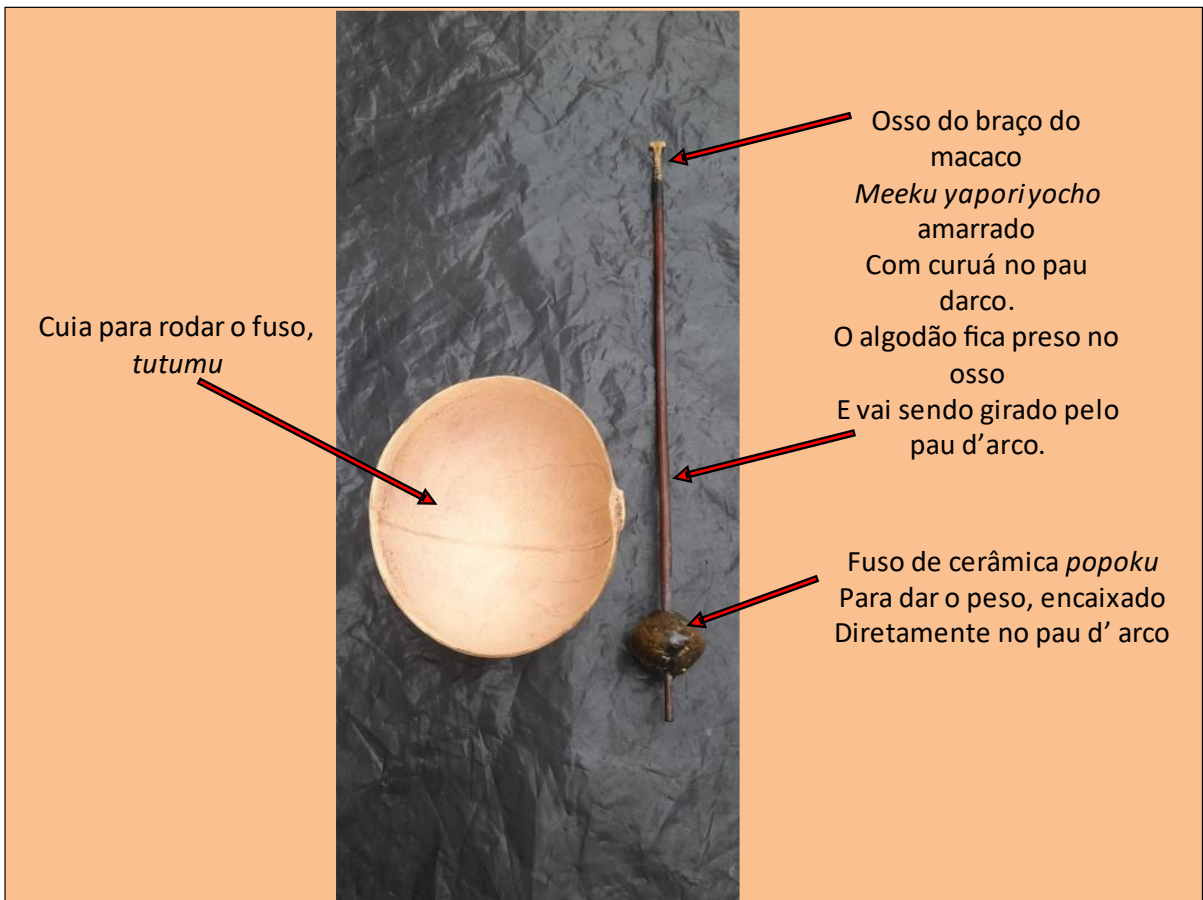


Foto: Carolina Wai Wai, 2023.

Figura 31 – Teares com tangas sendo feitas em miçanga de vidro e semente de morototó.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

Figura 32 – Tear linear para produção de colares, cintos e pulseiras em miçangas de vidro e semente de morototó.



Fonte: IDERFLOR-Bio (2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns caminhos ficaram abertos e a serem trilhados para a continuidade desta pesquisa, apontamos aqui algumas possibilidades. Ainda estamos pesquisando sobre as histórias antigas que as mulheres contam sobre a produção do artesanato, tanto as que levantamos nos questionários (Anexo 1), quanto as que pretendemos continuar coletando em novas etapas de campo. Entre os trechos obtidos nas entrevistas vemos que há grande potencial para um trabalho etnográfico e histórico mais detalhado, da dinâmica de cada um desses grupos e da relação que as mulheres estabeleceram com o artesanato de morototó. Abaixo reproduzimos alguns trechos, que ainda não foram tratados das entrevistas. Conforme vemos no trecho de Sandra Tawosô Wai Wai, que é do povo Katwena.

Passado tempo os “Katwena” é um grupo de etnia diferentes que falam dialeto da mesma língua wai wai. Elas não usavam muito tipo de artesanato de morototó. Portanto que usavam somente suas próprias tangas como se fosse as roupas vestidas natural decostumes. Depois alguns tempos atrás. Os povos “Katwena” começaram produzir de artesanato para o sustento das famílias. Preparavam as próprias ferramentas de trabalho dentes de peixe cachorro para os furos ao sementes de morototó. E usavam planta de algodão para utilizarem fio de algodão mawrî, até hoje nos plantamos das nossas roças para não acabar de plantas. Também foram utilizados a breu “maani” para fazer um acabamento de colar para em feite tipos de pena ou fruto da arvore. Assim que um processo para produzir determinado um ponto final. Pronto para usar sempre ser passado para outros gerações. (Sandra Tawosô Wai Wai, 2020)

O mesmo se nota no relato de Nilza Macuruwi Wai Wai

Antigamente os povos Mawayana habitavam lá no cabeceira dorio Urukurin encontravam com outro rio (tutumuwo) era limite da fronteira da Guiana inglesa. Meu avô morava ali todas as etnias, nenhuma aconteceu antes doença graves, todas saudável, alimentavam totalmente. esse povo (Mawayana) já tinham tangas para usar mulher, era tecido com semente das frutas, mente de morototó ou miçanga. Os homens usavam algodão tecidos diferente das mulheres, sem aconteceram já existem tangas antes. Os povos wai wai moravam outro rio (Tawinî) tinha ramal dois dias de chegaram aldeia wai wai, sempre convidavam parentes povos (Mawayana, comemoração das festas de bebidas, mostrar culturas deles, como é dança do porco, dança do curimatã e arco e flecha todas assim. Amavam essa etnia juntos ajudavam igualmente, animavam de danças e trabalhavam também. Por isso wai wai casou com mulher da (Mawayana), e Mawayana também casou com mulher wai wai. Linguagem das Mawayana são diferentes dos povos wai wai, mas aprenderam línguas das outros era assim. (Nilza Macuruwi Wai Wai, 2020)

Da mesma forma identificamos nas falas de Ivanete Taneci Wai Wai

No passado, existia uma espécie de lagarto (urpere) em cuja pele podiam ser vistas várias figuras de animais. Certo dia, os caçadores mataram o lagarto como uma flecha envenenada, pois haviam descoberto que o animal matava os indígenas que saíam desprevenidos para caçar. Assim que o abateram, retiraram sua linda pele, que continha desenhos representando os animais da floresta. O lagarto foi levado até a aldeia para que todas as pessoas soubessem que aquele animal era o causador da morte dos caçadores e para que ficassem tranquilas, pois ele havia sido morto.

Quando os parentes viram aquela pele bonita, acharam as figuras muito interessante e a estenderam ao sol para secar. Depois de secar, começaram a observar e a estudar os desenhos. As pessoas escolhiam um símbolo ou desenhos e passavam a copia-lo em peças e objetos usados na aldeia, reproduzindo as cores e formas exatamente como viram na pele do lagarto. Uns representavam a figura do macaco através de uma de suas partes, como o rabo, por exemplo. Outros tentavam reproduzir o desenho de algum animal e não conseguiram, por ser muito difícil. Foi dessa maneira que surgiram os desenhos das peças artesanais, que representam as figuras existentes na pele do lagarto. Até os dias atuais, as figuras copiadas da pele do lagarto ornamentam as peças artesanais e fazem parte da tradição cultural dos povos conhecidos como wai wai. (Ivanete Taneci Wai Wai, 2020)

E por fim, ressaltamos a fala de Marcaleda Ciin Wai Wai

Passado tempo os povos “xerew” é um grupo de etnia diferentes que falam dialeto da língua wai wai. Elas não usavam muito tipo de artesanato de morototó. Portanto que usavam somente suas próprias tangas como se fosse as roupas vestidas natural de costumes. Depois de algum tempo atrás. Os povos “xerew” começaram produzir o artesanato para o sustento das famílias. Preparavam as próprias ferramentas de trabalho dentes de peixe cachorro ou dente de trairão para os furos ao sementes de morototó. E usavam planta de algodão para utilizarem fio de algodão “mawrí” e curauá “krewetí”, até hoje nós plantamos das nossas roças para não acabar as plantas. Também foram utilizados a breu “maani” para fazer um acabamento de adesivo para em feite tipos de pena ou fruto da árvore. Assim que um processo para produzir determinado um ponto final. Pronto para usar sempre ser passado para outros gerações. (Marcaleda Ciin Wai Wai, 2020)

O potencial dessas histórias que estão relacionadas às mulheres e ao artesanato de morototó tem um potencial muito grande para identificar as relações históricas que passam pela transmissão desse conhecimento entre mulheres de grupos diferentes. A fala de Ivanete Wai Wai traz uma outra profundidade nessa cronologia, mostrando o tempo de onde os desenhos surgiram, e assim como se aprende, ou melhor, apreende as tecnologias do artesanato ou os grafismos de outros povos, se pega esse conhecimento de outros seres, como os desenhos que vieram do *urpere*.

Neste trabalho foi possível observar, analisar e descrever a importância do papel das mulheres na confecção dos artesanatos com sementes e miçangas, artefatos que todas as pessoas das aldeias usam, em momentos do cotidiano aos festivos. Para mim, mulher

indígena, que cresceu e aprendeu o artesanato, e agora escrevo sobre ele, como pesquisadora da arqueologia. E com ele terminei meu curso e me formo arqueóloga.

Ainda precisamos, refinar a descrição da produção dos artefatos relacionados direta ou indiretamente, já que são muitos objetos diferentes, também há diferenças nessas cadeias operatórias. Por exemplo, descrever em detalhe toda as atividades relacionadas a coleta e preparação das sementes de morototó, descrever a cadeia operatória de tecer, nos diferentes suportes: linha, tear de tanga e o tear linear. Essa descrição minuciosa vai demonstrar melhor a complexidade desse artesanato, em especial, das tangas. Um ponto que esperamos no futuro poder conectar melhor é a relação das diferentes idades, criança, jovem, adulta e idosa, com os diferentes momentos de habilidade das artesãs. E também, esperamos poder entender melhor como os diferentes grupos que compõem o povo Wai Wai, lidaram a produção de artesanato em morototó, se há diferenças na produção dos objetos em semente de morototó.

Sobre as mudanças que esse tipo de artesanato sofreu nos últimos anos, temos algumas pistas, como a introdução de novos materiais de origem industrializada e influências vindas de grupos indígenas externos aos Wai Wai. Mas também pelo levantamento bibliográfico, vemos que o uso desses novos materiais, como as miçangas de vidro, é bem antigo. Portanto, seria muito importante fazer uma comparação minuciosa de informações levantadas nas entrevistas com as fontes históricas (orais e escritas) e etnográficas. Para as mulheres Tiriyo e Katxuyana vemos que as miçangas de vidro são consideradas mais importantes, até mesmo mais antigas que as sementes de morototó. Mas muitas de nós mulheres Wai Wai, preferimos e achamos mais bonitas as sementes.

Esperamos que com esse trabalho, ainda que preliminar, possa mostrar e reconhecer o valor do conhecimento e trabalho das mulheres Wai Wai, e assim contribuir com a documentação desses saberes como forma de auxiliar sua preservação e continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKATUK, AMIRMO, APIM, APITMA, APIW, AYMARA, CGPH, Iepé. **Plano de Gestão territorial e ambiental do território Wayamu: TI Nhamundá-Mapuera, TI Trombetas-Mapuera, TI Kaxuyana-Tunayana**. Santarém-PA, Fundação Gordon e Betty, 2021

ALCANTARA E SILVA, V. **Vestígios do Rio Turuni**. In: GRUPIONI, D.F; ANDRADE, L. M.M. de. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena de São Paulo, 2015

IDERFLOR-BIO. **Artesanato da Terra Indígena Nhamundá-Mapuera** / Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. -- Belém: Iderflor-Bio, 2016. 140 p.: il. -- (Série Produtos da Sociobiodiversidade; v.2).

BARBOZA, M. S. L., FIGUEIREDO, A. F., SOUZA, A. L., WAI WAI, V., WAI WAI, A., WAI WAI, P., WAI WAI, N. **Uso do Saber Tradicional Indígena no Reconhecimento e Caracterização de Paisagens Manejadas na Amazônia Brasileira**. ROSTAIN, S. (Ed.) *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónia*. Quito, Ecuador, 2014.

CAIXETA DE QUEIROZ, R. **Cosmologia e história waiwai e kaxuyana: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (Yana)**. In: Grupioni, D.F; 2005.

CAIXETA DE QUEIROZ, R. **Trombetas-Mapuera – território indígena**. Brasília: FUNAI-PPTAL, 2008.

FRIKEL, P. **Classificações lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n.6, 1958.

GIRARDI, L. G. **'Gente do Kaxuru': 'mistura' e transformação entre um povo indígena karib-guianense**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

GRUPIONI, D. F. **Arte Visual dos povos tiriyo e kaxuyana padrões de uma estética ameríndia**. São Paulo: Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena de São Paulo, 2009. 104 p.

GRUPIONI, D. F. **Os yana caribe-guianenses na região de Oriximiná: Que coletividades são essas?** In: GRUPIONI, D.F; ANDRADE, L. M.M. de. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena de São Paulo, 2015, p. 134- 147.

HORWARD, C. V. **Wrought Identities: the Waiwai expeditions in search of the “unseen tribes” of northern Amazonia**. 2011. Tese de Doutorado. The University of Chicago, Chicago/Illinois, 2001.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL E DA BIODIVERSIDADE.

L. M. M. de. **Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná**. São

Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2015, p. 148-163.

L. M.M. de. **Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná**. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo e Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2015, p. 104-133.

MACIEIRA, A. P.; COSTA, C. C. da; CARVALHO, L. T. de; FIASCHI, P.; GOMES, J. I.; MARTINS-DA-SILVA, R. C. V.; MARGALHO, L. F. Conhecendo Espécies de Plantas da Amazônia: Morototó (*Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyer. & Frodin – Araliaceae. Comunicado Técnico, Embrapa. Maio, 2014, Belém, Pará.

OLIVEIRA, C. de S. A. **Fios e Tramas de Miçangas - Tecendo relações na Guiana Indígena**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 165 págs.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário Do Artesanato Indígena**. [s.l.]: Itatiaia, 1988.

RODRIGUES, I.M. M. *Tramas da tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

RUSSI, Adriana T. de Mello. Artesanato tradicional em Oriximiná/PA (Brasil): do inventário ao protagonismo Katxuyana e seus saberes tradicionais. E-Cadernos CES (Online), v. 21, p. 76-88, 2013.

SILVA, Fabíola Andrea. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo dacultura material. **MÉTIS: história & cultura**, v. 8, n. 16, 2009.

WAI WAI, C. *A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente*. 2019. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

WAI WAI, J. X. *Etnografia e História das Aldeias Antigas do Rio Kikwo, Pará, Brasil* Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

WAI WAI, J. X. *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)*. 2017. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.

WAI WAI, Otekmi Kunupira. *O Xkmari Wai Wai: produção de raladores pelas anciãs na aldeia Mapuera*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia). Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará, 2021.

YDE, J. **Material culture of the Waiwai**. Copenhagen: The National Museum, 1965.

ANEXOS

Anexo 1: QUESTIONÁRIO PESQUISA

Projeto: Etnoarqueologia do artesanato em semente de morototó Wai Wai

Discente: Carolina Wanaperu Wai Wai

Orientadora: Camila Pereira Jácome

NOME DA ENTREVISTADA: _____

IDADE: _____

1. QUAL O NOME DO SEU PAI E DA SUA MÃE?
2. QUAL O POVO/ETNIA DO SEU PAI E DA SUA MÃE? _
3. QUAL O NOME DO SEU MARIDO?
4. QUAL O NOME DO SEU SOGRO E DA SUA SOGRA?
5. QUAL O POVO/ETNIA DO SEU SOGRO E SOGRA?
6. VOCÊ TRABALHA COM ARTESANATO DE MOROTOTO HÁ QUANTO TEMPO?
7. COMO E COM QUEM VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?
8. QUAIS OS TIPOS DE ARTESANATOS DE MOROTOTO VOCE SABE FAZER?
9. QUAIS OS MATERIAIS VOCÊ UTILIZA PARA FAZER AS PEÇAS DE ARTESANATO DE MOROTOTO?
10. COMO E ONDE VOCE CONSEGUE ESSES MATERIAIS?
11. QUAIS OS DESENHOS VOCÊ FAZ NO ARTESANATO DE MOROTOTO? E QUEM TE ENSINOU A FAZER ESSES DESENHOS?
12. QUAIS OS NOMES DOS DESENHOS:
13. VOCE JÁ APRENDEU A FAZER DESENHOS COM MULHERES DE OUTROS POVOS? OS DESENHOS DO ARTESANATO DE MOROTOTO PODEM SER FEITOS EM OUTROS OBJETOS DE OUTROS MATERIAIS COMO MIÇANGAS, CERÂMICA, BANCOS, CESTOS, XIMBARI?
14. O QUE VOCE ACHA MAIS DIFÍCIL ARTESANATO DE MOROTOTO OU MIÇANGA? E POR QUÊ?
15. COMO OS POVOS INDIGENAS DO MAPUERA COMEÇARAM A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?
16. VOCE CONHECE HISTÓRIAS ANTIGAS SOBRE O ARTESANATO DE MOROTOTO?

**ANEXO 2 –
QUESTIONÁRIO PESQUISA**

Projeto: Etnoarqueologia do artesanato em semente de morototó Wai Wai
Discente: Carolina Wanaperu Wai Wai
Orientadora: Camila Pereira Jácome

NOME DA ENTREVISTADA: Marcaleda Ciin Wai Wai

IDADE: 50 anos

QUAL O NOME DO SEU PAI E DA SUA MÃE?

Pai: Roberto Carlos De Souza

Mãe: Nilza Macuruwi Wai Wai

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU PAI E DA SUA MÃE?

Pai: Wai Wai

Mãe: Mawayana

QUAL O NOME DO SEU MARIDO?

Equison Eymu Wai Wai

QUAL O NOME DO SEU SOGRO E DA SUA SOGRA?

Abel Eymu Wai Wai

Marcaleda Ciin Wai Wai

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU SOGRO E SOGRA? _

Sogro: Katwena

Sogra: Xerew

VOCÊ TRABALHA COM ARTESANATO DE MOROTOTO HÁ QUANTO TEMPO?

Sim trabalhei com artesanato 4 anos, aprendendo praticando produzido ao artesanato de morototó.

COMO E COM QUEM VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Aos 16 anos de idade eu conheci a aprender com a própria mãe a fazer artesanato de morototó. Como 23 anos conseguir compreender melhor forma, aprendeu através da minha inteligência. Deste então, demonstrando o meu trabalho profissionalmente.

QUAIS OS TIPOS DE ARTESANATOS DE MOROTOTO VOCE SABE FAZER?

O que eu costumo fazer um tipo de confecção de artesanato como cinto (*katami*), colar (*kwari*), tanga (*keweyu*), bracelete (*apomi*), pulseiras (*emekne*), chocalho (*wahxu*) e tanga (*keweyu*).

QUAIS OS MATERIAIS VOCÊ UTILIZA PARA FAZER AS PEÇAS DE ARTESANATO DE MOROTOTO?

Durante os materiais para uso considerados quando são utilizados no momento produtivo de artesanato para serve agulhar, fio de algodão, furada com semente arame fino alongado e feito de madeira. Assim que conseguimos desenvolver o acabamento decorativo semente de morototó.

COMO E ONDE VOCE CONSEGUE ESSES MATERIAIS?

Primeiramente a gente ir busca matérias-primas pode ser feita pelo casal ou apenas pelo homem. Para a coleta das semente do morototó, utilizadas exclusivamente pelas mulheres. Primeiro a gente pega canoa praticamente 1 hora de viagem no rio. Depois caminhamos 2 hora no mato para coleta o semente, depois a gente derruba árvore de morototó. Quando chegar em casa, fazer água fervido e colocar dentro da panela grande semente de morototó e depois lavar no rio e pra colocar no sol para secar perfeitamente. E depois pintamos com pigmento de vegetal (*karayuru*) como cores de marrom, roxo, preto ou vermelho. A gente também conseguir esses materiais como arame, agulha, linha de algodão principalmente na cidade município de Oriximiná próximo minha aldeia.

QUAIS OS DESENHOS VOCÊ FAZ NO ARTESANATO DE MOROTOTO? E QUEM TE ENSINOU A FAZER ESSES DESENHOS?

Como grafismo que representam as figuras da. *Kworo* (arara), *waaro* (papagaio), *cikiri* (escopião) *xapari* (cachorro) e *paxki yemeknu* (pata da cutia) e *cirpapa* (sapo). Eu aprender para fazer desenho através da minha inteligência

.

QUAIS OS NOMES DOS DESENHOS:

Cikiri (escopião), *waaro* (papagaio), *kworo* (arara-vermelho), *xapari* (cachorro), *incu* (indio), *krawoto* (sapo clorido), *paxki yemeknu* (pata da cutia).

VOCE JÁ APRENDEU A FAZER DESENHOS COM MULHERES DE OUTROS POVOS?

Não. Porque não pratiquei outros desenhos de outros povos é difícil de aprender pra mim.

OS DESENHOS DO ARTESANATO DE MOROTOTO PODEM SER FEITOS EM OUTROS OBJETOS DE OUTROS MATERIAIS COMO MIÇANGAS, CERÂMICA, BANCOS, CESTOS, XIMBARI?

Sim, podem ser feito em outros objetivos como *ximbari*, banco e cerâmica e também feito com homem todos desenhos servir para artesanatos.

O QUE VOCE ACHA MAIS DIFÍCIL ARTESANATO DE MOROTOTO OU MIÇANGA? E POR QUÊ?

Então eu não achei difícil para fazer essa artesanato de morototó ou miçanga. Saber porque eu pratiquei como fazer esses artesanatos. Eu achei mais fácil de fazer produzir desde minha infância.

COMO OS POVOS INDIGENAS DO MAPUERA COMEÇARAM A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Os povos indígenas da aldeia Mapuera começaram a fazer artesanato de morototó em ano de 1980 e 1970, o artesanato é muito importante que os indígenas usaram para o sustento. O artesanato Wai Wai é produzido com madeira e fibras, como os traçados de palha (cestos, peneiras e bandejas) arco e flecha além de cordão, pulseiras etc...

VOCE CONHECE HISTÓRIAS ANTIGAS SOBRE O ARTESANATO DE MOROTOTO

Passado tempo os povos Xerew é um grupo de etnia diferentes que falam dialeto da mesma língua Wai Wai. Elas não usavam muito tipo de artesanato de morototó. Portanto que usavam somente suas próprias tangas como se fosse as roupas vestidas natural de costumes. Depois alguns tempos atrás. Os povos “Xerew” começaram produzir de artesanato para o sustento das famílias. Preparavam as próprias ferramentas de trabalho dentes de peixe cachorro ou dente de trairão para os furos ao sementes de morototó. E também usavam planta de algodão para utilizarem fio de algodão “*mawri*” e *curaua* “*kreweti*”, até hoje nos plantamos das nossas roças para não acabar de plantas. Também foram utilizados a breu “*maani*” para fazer um acabamento

de colativo para em feite tipos de pena ou fruto da arvore. Assim que um processo para produzir determinado um ponto final. Pronto para usar sempre ser passado para outros gerações.

ANEXO 3
QUESTIONÁRIO PESQUISA

Projeto: Etnoarqueologia do artesanato em semente de morototó Wai Wai
Discente: Carolina Wanaperu Wai Wai
Orientadora: Camila Pereira Jácome

NOME DA ENTREVISTADA: Ivanete_Tanete_Wai_Wai

IDADE: 47_anos

QUAL O NOME DO SEU PAI E DA SUA MÃE?

Pai: Roberto_Carlos_De_Souza_

Mãe: Nilza_Macuruwi_Wai_Wai_

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU PAI E DA SUA MÃE?

Pai Wai_Wai

Mãe Mawayana_

QUAL O NOME DO SEU MARIDO?

Equison_Eymu_Wai_Wai

QUAL O NOME DO SEU SOGRO E DA SUA SOGRA?

Sogro: Abel_Eymu_Wai_Wai_

Sogra: Marcaleda_Ciin_Wai_Wai_

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU SOGRO E SOGRA?_

Sogro_Katwena

Sogra_Xerew

VOCÊ TRABALHA COM ARTESANATO DE MOROTOTO HÁ QUANTO TEMPO?

Sim trabalhei com artesanato quase aproximadamente 4 anos, aprendendo, praticando produzindo aos artesanatos de morototó.

COMO E COM QUEM VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Aos 18 anos de idade eu conheci a aprender com a própria mãe a fazer artesanato de morototó. Como 25 anos conseguir compreender melhor forma deste então demonstrando o meu trabalho profissionalmente.

QUAIS OS TIPOS DE ARTESANATOS DE MOROTOTO VOCE SABE FAZER?

O que eu costumo fazer um tipo de confecção de artesanato como cinto, colar, tanga, bracelete e pulseiras, chocalho etc.

QUAIS OS MATERIAIS VOCÊ UTILIZA PARA FAZER AS PEÇAS DE ARTESANATO DE MOROTOTO?

Durante os materiais para uso considerados quando são utilizados no momento produtivo de artesanato para serve agulhar, fio de algodão, furada com semente arame fino alongado e feito de madeira. Assim que conseguimos desenvolver o acabamento decorativo semente de morototó.

COMO E ONDE VOCE CONSEGUE ESSES MATERIAIS?

Primeiramente agente ir busca matérias-primas pode ser feita pelo casal ou apenas pelo homem. Para a coleta das sementes do morototó, utilizadas exclusivamente pelas mulheres. Primeiro a gente pega canoa praticamente 1 horas de viagem no rio. Depois caminhamos 2 hora no mato para coleta o semente, depois agente derruba arvore de morototó. Quando chegar em casa fazer água fervido e colocar dentro da panela grande semente de morototó e depois lavar no rio e pra colocar no sol para secar perfeitamente. E depois pintamos com pigmento de vegetal (karayuru) como cores de marrom, roxo, preto ou vermelho. A gente também conseguir esses materiais como arame, agulha, linha de algodão principalmente na cidade município de Oriximiná próximo minha aldeia.

QUAIS OS DESENHOS VOCÊ FAZ NO ARTESANATO DE MOROTOTO? E QUEM TE ENSINOU A FAZER ESSES DESENHOS?

Então eu costumo fazer os desenhos nos colares (kwari), tanga (keweyu), brcelete (apomi), pulseiras (emekna), cinto (katami) outros símbolos, originalmente utilizados aqui na aldeia, sempre quis desenvolver futuro da minha cultura tradicional.

QUAIS OS NOMES DOS DESENHOS:

Cikiri (escopião), waaro (papagaio), kworo (arara-vermelho), xapari (cachorro), incu (indio), krawoto (sapo colorido), paxki yemeknu (pata da cutia).

VOCE JÁ APRENDEU A FAZER DESENHOS COM MULHERES DE OUTROS POVOS?

Não. Porque não pratiquei outros desenhos de outros povos e difícil de aprender pra mim.

OS DESENHOS DO ARTESANATO DE MOROTOTO PODEM SER FEITOS EM OUTROS OBJETOS DE OUTROS MATERIAIS COMO MIÇANGAS, CERÂMICA, BANCOS, CESTOS, XIMBARI?

Sim, podem ser feitos em outros objetivos como ximbari, banco e cerâmica e também feito com homem todos desenhos servir para artesanatos.

O QUE VOCE ACHA MAIS DIFÍCIL ARTESANATO DE MOROTOTO OU MIÇANGA? E POR QUÊ?

Então eu não achei difícil para fazer esse artesanato de morototo ou miçanga. Saber porque eu pratiquei como fazer esses artesanatos. Eu achei mais fácil de fazer produzir desde minha infância.

COMO OS POVOS INDIGENAS DO MAPUERA COMEÇARAM A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Os povos indígenas da aldeia Mapuera começaram a fazer artesanato de morototo em ano de 1980 e 1970, o artesanato é muito importante que os indígenas usaram para o sustento. O artesanato Wai Wai é produzido com madeira e fibras, como os traçados de palha (cestos, peneiras, e bandejas) arco e flecha além de cordão, pulseiras etc...

VOCE CONHECE HISTÓRIAS ANTIGAS SOBRE O ARTESANATO DE MOROTOTO?

No passado, existia uma espécie de lagarto (urpere) em cuja pele podiam ser vistas várias figuras de animais. Certo dia, os caçadores mataram o lagarto como uma flecha envenenada, pois haviam descoberto que o animal matava os índios que saíam desprevenidos para caçar. Assim que o abateram, retiraram sua linda pele, que continha desenhos representando os animais da floresta. O lagarto foi levado até a aldeia para que todas as pessoas soubessem que aquele animal era o causador da morte dos caçadores e para que ficassem tranquilas, pois ele havia sido morto.

Quando os parentes viram aquela pele bonita, acharam as figuras muito interessante e a estenderam ao sol para secar. Depois de secar, começaram a observar e a estudar os desenhos. As pessoas escolhiam um símbolo ou desenhos e passavam a copia-lo em peças e objetos usados na aldeia, reproduzindo as cores e formas exatamente como viram na pele do lagarto. Uns

representavam a figura do macaco através de uma de suas partes, como o rabo, por exemplo. Outros tentavam reproduzir o desenho de algum animal e não conseguiram, por ser muito difícil. Foi dessa maneira que surgiram os desenhos das peças artesanais, que representam as figuras existentes na pele do lagarto. Até os dias atuais, as figuras copiadas da pele do lagarto ornamentam as peças artesanais e fazem parte da tradição cultural dos povos conhecidos como Wai Wai.

ANEXO 4
QUESTIONÁRIO PESQUISA

Projeto: Etnoarqueologia do artesanato em semente de morototó Wai Wai

Discente: Carolina Wanaperu Wai Wai

Orientadora: Camila Pereira Jácome

NOME DA ENTREVISTADA: Nilza Macuruwi Wai Wai

IDADE: 60 ANOS

QUAL O NOME DO SEU PAI E DA SUA MÃE?

Roberto Carlos De Souza

Nilza Macuruwi Wai Wai

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU PAI E DA SUA MÃE?:

PAI WAI WAI,

MÃE MAWAYANA

QUAL O NOME DO SEU MARIDO? EQUISON EYMU WAI WAI

QUAL O NOME DO SEU SOGRO E DA SUA SOGRA?

SOGRO: ABEL_EYMU_WAI_WAI

SOGRA: MACALEDACIIN WAI WAI

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU SOGRO E SOGRA?

SOGRO KATWENA,

SOGRA XEREW

VOCÊ TRABALHA COM ARTESANATO DE MOROTOTO HÁ QUANTO TEMPO?

Sim, trabalhei com artesanatos quase aproximadamente 8 anos aprendendo, praticando produzindo os artesanatos de morototó.

COMO E COM QUEM VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Aos 15 anos de idade eu conheci a aprender com a própria mãe a fazer artesanato de morototó. Como 21 anos conseguir compreender melhor forma deste então demonstrando o meu trabalho profissionalmente.

QUAIS OS TIPOS DE ARTESANATOS DE MOROTOTO VOCE SABE FAZER?

O que eu costumo fazer um tipo de confecção de artesanato como cinto (katami), colar (kwari), tanga (keweyu), bracelete (apomi), pulseiras (emekna), chocalho (wahxu) etc.

QUAIS OS MATERIAIS VOCÊ UTILIZA PARA FAZER AS PEÇAS DE ARTESANATO DE MOROTOTO?

Durante os materiais para uso considerados quando são utilizados no momento produtivo de artesanato para serve agulhar, fio de algodão, furada com semente arame fino alongado e feito de madeira. Assim que conseguimos desenvolver o acabamento decorativo semente de morototó.

COMO E ONDE VOCE CONSEGUE ESSES MATERIAIS?

Primeiramente agente ir busca matérias-primas pode ser feita pelo casal ou apenas pelo homem. Para a coleta das sementes do morototó, utilizadas exclusivamente pelas mulheres. Primeiro a gente pega canoa praticamente 1 horas de viagem no rio. Depois caminhamos 2 hora no mato para coleta o semente, depois agente derruba arvore de morototó. Quando chegar em casa fazer água fervido e colocar dentro da panela grande semente de morototó e depois lavar no rio e pra colocar no sol para secar perfeitamente. E depois pintamos com pigmento de vegetal (karayuru) como cores de marrom, roxo, preto ou vermelho. Agente também consegue esses materiais como arame, agulha, linha de algodão principalmente na cidade município de Oriximiná próximo minha aldeia.

QUAIS OS DESENHOS VOCÊ FAZ NO ARTESANATO DE MOROTOTO? E QUEM TE ENSINOU A FAZER ESSES DESENHOS?

Como grafismo que representam as figuras da. Kworo (arara), waaro (papagaio), cikiri (escopião) xapari (cachorro) e paxki yemeknu (pata da cutia) e cirpapa (sapo). Propria minha mãe me ensinou para fazer esses desenhos.

QUAIS OS NOMES DOS DESENHOS:

Waaro (papagaio), kworo (arara), pawxi (mutum), xapari (cachorro), paxki yemeknu (pata da catia, cirpapa (sapo).

VOCE JÁ APRENDEU A FAZER DESENHOS COM MULHERES DE OUTROS POVOS?

Não. Porque não pratiquei outros desenhos de outros povos e difícil de aprender pra mim.

OS DESENHOS DO ARTESANATO DE MOROTOTO PODEM SER FEITOS EM OUTROS OBJETOS DE OUTROS MATERIAIS COMO MIÇANGAS, CERÂMICA, BANCOS, CESTOS, XIMBARI?

Sim, podem ser feitos em outros objetivos como ximbari, banco e cerâmica e também feito com homem todos desenhos servir para artesanatos.

O QUE VOCE ACHA MAIS DIFÍCIL ARTESANATO DE MOROTOTO OU MIÇANGA? E POR QUÊ?

Então eu não achei difícil para fazer esse artesanato de morototó ou miçanga. Saber porque eu pratiquei como fazer esses artesanatos. Eu achei mais fácil de fazer produzir desde minha infância.

COMO OS POVOS INDIGENAS DO MAPUERA COMEÇARAM A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Os povos indígenas da Aldeia Mapuera começaram a fazer artesanato de morototó em ano de 1980 e 1970, o artesanato é muito importante que os indígenas usaram para o sustento. O artesanato wai wai é produzido com madeira e fibras, como os traçados de palha (cestos, peneiras e bandejas) arco e flecha além de cordão, pulseiras etc...

VOCE CONHECE HISTÓRIAS ANTIGAS SOBRE O ARTESANATO DE MOROTOTO?

Antigamente os povos mawayana habitavam lá no cabeceira do rio (urukurin) encontravam com outro rio (tutumuwo) era limite da fronteira da guiana inglesa. Meu avô morava ali todas etnias (mawayana) nenhuma aconteceu antes doença graves, todas saudavel, alimentavam totalmente.

Esse povo (mawayana) já tinham tangas para usar mulher, era tecido com semente das frutas, mente de morototó ou miçanga. Os homens usavam algodão tecidos diferente das mulheres, sem aconteceram já existem tangas antes.

As tribos Wai Wai moravam outro rio (tawini) tinha ramão dois dias de chegaram aldeia wai wai, sempre convidavam parentes povos (Mawayana, comemoração das festas de bebidas, mostrar culturas deles, como e dança do porco, dança do Curimatá e arco e flecha todas assim.

Amavam essa etnia juntos ajudavam igualmente, animavam de danças e trabalhavam também. Por isso Wai Wai casou com mulher da (Mawayana), e Mawayana também casou com mulher wai wai. Linguagem das Mawayana são diferentes das tribo Wai Wai, mas aprenderam línguas das outros era assim.

ANEXO 5
QUESTIONÁRIO PESQUISA

Projeto: Etnoarqueologia do artesanato em semente de morototó Wai Wai

Discente: Carolina Wanaperu Wai Wai

Orientadora: Camila Pereira Jácome

NOME DA ENTREVISTADA: SANDRA TAWOSI WAI WAI

IDADE: 65 ANOS

QUAL O NOME DO SEU PAI E DA SUA MÃE?

ROBERTO CARLOS DE SOUZA

NILZA MACURUWI WAI WAI

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU PAI E DA SUA MÃE?:

PAI POVO WAI WAI

MÃE POVO MAWAYANA

QUAL O NOME DO SEU MARIDO?

EQUISON EYMU WAI WAI

QUAL O NOME DO SEU SOGRO E DA SUA SOGRA?

ABEL EYMU WAI WAI

MARCALDA CIIN WAI WAI

QUAL O POVO/ETNIA DO SEU SOGRO E SOGRA?

SOGRO POVO KATWENA

SOGRA POVO XEREW

VOCÊ TRABALHA COM ARTESANATO DE MOROTOTO HÁ QUANTO TEMPO?

Sim trabalhei com artesanato quase aproximadamente 10 anos, aprendendo, praticando produzindo os artesanatos de morototó.

COMO E COM QUEM VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Aos 20 anos de idade eu comecei a aprender com a própria mãe a fazer artesanato de morototó. Como aos 19 anos conseguir compreender melhor forma deste então demonstrando o meu trabalho profissionalmente.

QUAIS OS TIPOS DE ARTESANATOS DE MOROTOTO VOCE SABE FAZER?

O que eu costumei a fazer um tipo de confecção de artesanato como pulseira(emekna), colar (kwari), bracelete(apomi), tiara (pemci), cinto (katami), tanga (keweyu), chocalho (wahxu).

QUAIS OS MATERIAIS VOCÊ UTILIZA PARA FAZER AS PEÇAS DE ARTESANATO DE MOROTOTO?

Durante os materiais para uso considerados quando são utilizados no momento produtivo de artesanatos para serve como agulhar, fio de algodão, furada com semente arame fino alongado e feito de madeira entre outras suficiente. Assim que conseguimos desenvolver o acabamento decorativo semente de morototó.

COMO E ONDE VOCE CONSEGUE ESSES MATERIAIS?

Primeiramente agente ir busca matérias-primas pode ser feita pelo casal ou apenas pelo homem. Para a coleta das sementes do morototó, utilizadas exclusivamente pelas mulheres. Primeiro a gente pega canoa praticamente 1 horas de viagem no rio. Depois caminhamos 2 horas no mato para coleta a semente, depois agente derruba arvore de morototó. Quando chegar em casa fazer água fervido e colocar dentro da panela grande semente de morototó e depois lavar no rio e pra colocar no sol para secar perfeitamente. E depois pintamos com pigmento de vegetal (karayuru) como cores de marrom, roxo, preto ou vermelho. A gente também consegue esses materiais como arame, agulha, linha de algodão principalmente na cidade município de Oriximiná próximo minha aldeia.

QUAIS OS DESENHOS VOCÊ FAZ NO ARTESANATO DE MOROTOTO? E QUEM TE ENSINOU A FAZER ESSES DESENHOS?

Como grafismo que representam as figuras da. Arara (kworo), papagaio (waaro), escorpião (cikiri), cachorro (xapari), indio (incu), pata da cutia (paxki yemeknu), sapo (cirpapa). Entre outros figuras utilizadas no artesanato de morototó. Própria minha mãe me ensinou para fazer esses desenhos,

QUAIS OS NOMES DOS DESENHOS:

Cikiri (escopião), waaro (papagaio), arara (kworo), cachorro (xapari), incu (indio), sapo (cirpapa), pata da cutia (paxki yemeknu).

VOCE JÁ APRENDEU A FAZER DESENHOS COM MULHERES DE OUTROS POVOS?

Não porque não pratiquei outros desenhos de outros e difícil de aprender.

OS DESENHOS DO ARTESANATO DE MOROTOTO PODEM SER FEITOS EM OUTROS OBJETOS DE OUTROS MATERIAIS COMO MIÇANGAS, CERÂMICA, BANCOS, CESTOS, XIMBARI?

Sim, podem ser feitos em outros objetos como ximbari, remos, banco, todos desenhos servi para artesanato.

O QUE VOCE ACHA MAIS DIFÍCIL ARTESANATO DE MOROTOTO OU MIÇANGA? E POR QUÊ?

Então achei mais difícil para fazer as miçangas, saber porque eu não pratiquei com miçangas, quando morava na aldeia e própria minha artesanatos achei mais faço de fazer produzir desde minha infância.

COMO OS POVOS INDIGENAS DO MAPUERA COMEÇARAM A FAZER ARTESANATO DE MOROTOTO?

Os povos indígenas do Aldeia Mapuera começaram a fazer artesanato de morototó em ano de 1980 e 1970, o artesanato é muito importante que os indígenas usaram para o sustento. O artesanato Wai Wai é produzido com madeira e fibras, como os traçados de palha (cestos, peneiras e bandejas) arco e flecha além de cordão, pulseiras etc...

VOCE CONHECE HISTÓRIAS ANTIGAS SOBRE O ARTESANATO DE MOROTOTO?

Passado tempo os “katwena” é um grupo de etnia diferentes que falam dialeto da mesma língua wai wai. Elas não usavam muito tipo de artesanato de morototó. Portanto que usavam somente suas próprias tangas como se fosse as roupas vestidas natural de costumes. Depois alguns tempos atras. Os povos “katwena” começaram produzir de artesanato para o sustento da famílias. Preparavam as próprias ferramentas de trabalho dentes de peixe cachorro para os furos ao sementes de morototó. E também usavam planta de algodão para utilizarem fio de algodão “mawrî, até hoje nos plantamos das nossas roças para não acabar de plantas. Também foram

utilizados a breu “maani” para fazer um acabamento de colativo para em feite tipos de pena ou fruto da arvore. Assim que um processo para produzir determinado um ponto final. Pronto para usar sempre ser passado para outros gerações.